
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS
ÁREA DE TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS**

**ANÁLISE DA ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA DE ATLETAS UNIVERSITÁRIOS
SOB A ÓTICA DA TEORIA BIOECOLÓGICA**

Luciana Botelho Ribeiro

**Rio Claro
2018**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS
ÁREA DE TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS**

**ANÁLISE DA ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA DE ATLETAS UNIVERSITÁRIOS
SOB A ÓTICA DA TEORIA BIOECOLÓGICA**

Luciana Botelho Ribeiro
Orientador: Afonso Antonio Machado

Tese apresentada para o Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor no programa de Pós-Graduação, nível Doutorado, em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (Área de tecnologias nas dinâmicas corporais).

**Rio Claro
2018**

796.01 Ribeiro, Luciana Botelho
R484a Análise da ansiedade pré-competitiva de atletas universitários sob a ótica da teoria bioecológica / Luciana Botelho Ribeiro. - Rio Claro, 2018
82 f. : il., figs., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Afonso Antonio Machado

1. Esportes - Aspectos psicológicos. 2. Teoria bioecológica. 3. Ansiedade. 4. Esporte universitário. 5. CSAI -2R. 6. Psicologia do esporte. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

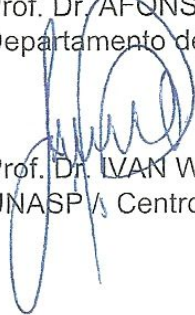
TÍTULO DA TESE: ATLETAS UNIVERSITÁRIOS E ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA: SOB A ÓTICA DA TEORIA BIOECOLÓGICA

AUTORA: LUCIANA BOTELHO RIBEIRO

ORIENTADOR: AFONSO ANTONIO MACHADO

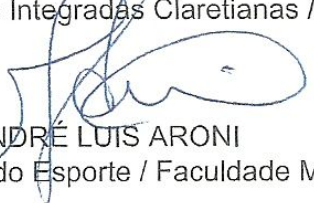
Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS pela Comissão Examinadora:


Prof. Dr. AFONSO ANTONIO MACHADO
Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP


Prof. Dr. IVAN WALLAN TERTULIANO
UNASP / Centro Universitário Adventista de São Paulo - SP


Profa. Dra. PRISCILA CARNEIRO VALIM ROGATTO
Departamento de Educação Física / Universidade Federal de Lavras - MG


Prof. Dr. GUSTAVO LIMA ISLER
Faculdades Integradas Claretianas / Unidade Rio Claro - SP


Prof. Dr. ANDRÉ LUIS ARONI
Psicologia do Esporte / Faculdade Metrocamp - Campinas - SP

Rio Claro, 02 de julho de 2018

Dedico este trabalho aos meus amados pais Marco e Marisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me abençoar com mais esta conquista tão desejada, sem me fortalecer na fé sem dúvida não chegaria até aqui.

Aos meus pais, Marco e Marisa, pelo amor incondicional e por serem minha base, me encorajando sempre a correr atrás dos meus sonhos. Sem a paciência, apoio e amor de vocês, isso não seria possível. Obrigada por acreditarem em mim! Meu amor por vocês é infinito.

Aos meus familiares pela torcida e orações.

Aos meus amigos que tanto amo, se não fossem as conversas e o tempo de distração com vocês, acho que não conseguiria chegar até aqui.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Afonso Antonio Machado, por acreditar em mim, mesmo dando um tiro no escuro ao me aceitar no mestrado e no doutorado. Agradeço a paciência, persistência, incentivo e carinho que sempre teve por mim. Você me fez enxergar que tudo tem o seu tempo e saber esperar também faz parte do processo. Hoje vejo minha ansiedade como um desafio pessoal constante a ser controlado. Você se tornou um grande amigo, me oferecendo oportunidades de desafios e crescimento pessoal e profissional. Nunca me esquecerei de você.

Aos membros da banca, agradeço pelo desafio da leitura, pelas contribuições e direcionamentos desde a qualificação até a defesa desta tese. Isso só agrega valor ao trabalho.

Em especial, agradeço ao Prof. Dr. Ivan Wallan Tertuliano pelas orientações e contribuições fundamentais para que este trabalho fosse desenvolvido e finalizado. Grata pela amizade, conhecimentos transmitidos, parceria e incentivo constante. Você foi muito importante!

Agradeço a Profa. Dra. Priscila Carneiro Valim- Rogatto pela parceria em compartilhar desse sonho comigo e muitas vezes me orientar neste caminho tortuoso.

Ao Prof. Dr. Gustavo Lima Isler, pelos momentos que compartilhamos no Lapespe desde o mestrado, e hoje contribui de maneira ainda mais significativa com este trabalho.

Ao Prof. Dr. André Aroni pelas contribuições na finalização da tese.

Agradeço aos meus colegas de trabalho da fisioterapia que conviveram comigo na ansiedade e por aceitarem minha ausência algumas vezes devido aos compromissos do doutorado e congressos.

Aos técnicos e atletas da Universidade Federal de Lavras (UFLA) que participaram do estudo.

Por fim, a todos os membros do LEPESPE pela convivência e contribuição nesse período que estive na UNESP.

**“Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que
melhor se adapta às mudanças.” (Charles Darwin)**

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar os níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas universitários sob a ótica da Teoria Bioecológica. Participaram 41 atletas universitários de ambos os sexos, praticantes de Handebol, Futsal ou Voleibol. A média de idade foi 22,10 anos. Foram utilizados o questionário de caracterização da amostra e o CSAI-2R. Nas análises entre grupos os atletas de Voleibol apresentam baixa autoconfiança e alta ansiedade comparado aos outros. Os atletas de Futsal apresentam autoconfiança superior aos demais. Intragrupo, os atletas de Futsal também apresentam valores elevados de autoconfiança e no Voleibol apresentam valores superiores de ansiedade e no Handebol apresentam baixa ansiedade somática. Em relação ao sexo os homens apresentam maior autoconfiança e as mulheres maior ansiedade somática. Explicando os valores de ansiedade em relação aos fatores da Teoria Bioecológica, os atletas conseguiram se desenvolver durante o processo do campeonato e mesmo sofrendo influências conseguiram criar situações que promovam o seu desenvolvimento na competição. Conclui-se que não há como pensar o indivíduo isoladamente de suas interações com as pessoas e o ambiente como um todo, o indivíduo deve ser analisado em todos os aspectos de acordo com a teoria Bioecológica pensar o indivíduo no processo, nas pessoas que o mesmo sofre e exerce influência, o contexto que este está inserido ou não e o tempo/período do seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Ansiedade. Esporte Universitário. CSAI-2R. Psicologia do esporte.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate the levels of pre-competitive anxiety of university athletes from the perspective of Bioecological Theory. 41 university athletes of both sexes participated, practicing Handball, Futsal or Volleyball. The mean age was 22.10 years. The sample characterization questionnaire and the CSAI-2R were used. In the between analyzes groups the athletes of Volleyball present low self-confidence and high anxiety compared to the other athletes. Futsal athletes are more confident than others. Intragroup, Futsal athletes also have high values of self-confidence and in Volleyball they present higher values of anxiety and in Handball they present low somatic anxiety. In relation to sex, men have greater self-confidence and women have greater somatic anxiety. Associating the Bioecological Theory, the athletes managed to develop during the process of the championship and even suffering influences managed to create situations that promote their development in the competition. It is concluded that there is no way to think of the individual isolated from his interactions with people and the environment as a whole, the individual should be analyzed in all aspects according to the Bioecological theory to think the individual in the process, in the people that the same suffers and exerts influence, the context that it is inserted or not and the time / period of its development.

Keywords: Anxiety. University Sports. CSAI-2R. Psychology of sport.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama com as interações entre as dimensões da Teoria Bioecológica.....	34
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Amostra dos participantes da pesquisa.....	36
Tabela 2. Tempo de prática da modalidade (anos).....	36
Tabela 3. Frequência semanal de treinamentos dos atletas.....	37
Tabela 4. Uso ou não de tecnologias pelos atletas.....	37
Tabela 5. Descrição da percepção de ansiedade dos atletas antes da competição.....	37
Tabela 6: Análise de consistência interna das subescalas do CSAI-2R por meio do α de Cronbach (n=41).....	42
Tabela 7: Análise de consistência interna das subescalas do CSAI-2R por meio da correlação total dos itens corrigidos e do α de Cronbach se o item for retirado (n=41).....	43
Tabela 8: Média e desvio padrão dos escores, separados por esporte, para as 3 subescalas do CSAI-2R (n=41).....	43
Tabela 9: Comparação entre grupos para as 3 subescalas do CSAI-2R (n=41).....	44
Tabela 10: Localização da diferença entre grupos para os grupos Futsal e Handebol (n=31).....	44
Tabela 11: Localização da diferença entre grupos para os grupos Futsal e Voleibol (n=24).....	45
Tabela 12: Localização da diferença entre grupos para os grupos Handebol e Voleibol (n=41).....	45
Tabela 13: Comparação entre grupos (masculino e feminino) para as 3 subescalas do CSAI-2R (n=41).....	47

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Definição do problema.....	16
1.2 Objetivos.....	17
1.3 Objetivo Geral.....	17
1.4 Objetivos Específicos	18
1.5 Justificativa	18
2.1 2.1 Ansiedade.....	19
2.2 O Esporte Universitário.....	23
2.3 Teoria Bioecológica e o Desenvolvimento Humano	27
3. MÉTODO DE PESQUISA.....	35
3.1 Participantes.....	35
3.2 Instrumentos.....	38
3.3 Procedimentos metodológicos.....	39
3.4 Procedimentos de análise	40
4. RESULTADOS	42
5. DISCUSSÃO	49
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICES	73
APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE) - (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)	73
APÊNDICE II - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	76
APÊNDICE III- CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	81
APÊNDICE IV - CSAI-2R.....	82

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia do Esporte e do Exercício se propõe a estudar a aplicabilidade científica das pessoas e seus comportamentos nas atividades físicas e esportivas (WEINBERG; GOULD, 2017). Esta pode ser tratada como uma área de conhecimento e atuação emergente, devido às restrições de disciplinas nos cursos de graduação e eventos científicos (VIEIRA, et al., 2013).

Diversos profissionais se especializam em estudar detalhadamente os atletas ou indivíduos praticantes de atividades físicas, e a diferença dessas áreas está no grupo que trabalha com a área aplicada ao desempenho, prevenção de lesões e treinamentos psicológicos de atletas e a outra área com foco em aprofundar investigações de modelos e teorias para compreensão do comportamento dos indivíduos no exercício físico e no esporte (VIEIRA, et al., 2010).

No contexto esportivo são realizados estudos e pesquisas com o objetivo de desenvolver conhecimentos que proporcionem melhora no desempenho dos atletas, mostrando a necessidade em compreender diversos fatores psicológicos. As variáveis psicológicas podem ser representativas em muitos contextos esportivos, sendo a ansiedade, uma variável amplamente investigada na área da psicologia do esporte (NASCIMENTO JUNIOR et al., 2016; NOGUEIRA, 2016; PAES et al., 2016; TEIXEIRA; NUNES; CRUZ, 2016; BARRETO, 2017). Assim, o atleta fica vulnerável a situações imprevisíveis que podem acontecer no decorrer de treinamentos e competições, assim percebe-se a importância de entender melhor a ansiedade dos atletas no esporte (COSTA et al., 2012).

As situações de ansiedade em competições esportivas são comuns e ao mesmo tempo preocupantes para os envolvidos neste contexto. Aprender a controlar as emoções no período pré-competitivo é resultado de habilidades psicológicas, porém aprender a controlar e trabalhar essas habilidades não é uma tarefa simples. Assim quanto maior conhecimento o atleta tem de si, melhor conseguirá executar essas habilidades (WEINBERG; GOULD, 2017). Há uma certa confusão ao utilizar os termos ativação, estresse e ansiedade.

A ativação é uma combinação de atividades fisiológicas e psicológicas de um indivíduo e a sua intensidade ocorre por meio de um *continuum*, que varia de baixa excitação para alta excitação. Importante ressaltar que não há uma relação direta da ativação com situações agradáveis ou desagradáveis (WEINBERG; GOULD, 2017). Em contrapartida, o estresse é definido como um desequilíbrio substancial entre demanda física e psicológica e a capacidade de resposta (COSTA et al., 2012). Já a ansiedade pode ser definida como um estado de instabilidade emocional (negativo) que ocorre em situações reais ou de perigo, porém esta não influencia necessariamente o desempenho de forma negativa (BUCKWORTH et al., 2002). Todavia, no presente estudo o foco foi na ansiedade.

Caracterizada por uma apreensão, nervosismo e preocupação a ansiedade pode vir associada a alguns componentes cognitivos e somáticos (WEINBERG; GOULD, 2017). A ansiedade cognitiva está relacionada aos pensamentos como preocupação e apreensão. Já a ansiedade somática tem relação com o grau de ativação física percebida pelo indivíduo (BOAS et al., 2012).

Os componentes cognitivos podem ser caracterizados como apreensão e negativismo em relação ao rendimento e os componentes somáticos como as mudanças fisiológicas, como por exemplo, aumento da sudorese, alteração na frequência cardíaca, tensão muscular, palidez e tremores (SOUZA et al., 2012). Diante disso, pode-se compreender que o estado de ansiedade se refere ao componente de humor em constante variação, ou seja, sentimentos subjetivos de apreensão e tensão, percebidos de maneira consciente acompanhados ou associados com ativação ou excitação do sistema nervoso autônomo (COSTA et al., 2012).

Além dessa diferenciação das características de ansiedade, outra divisão importante é da ansiedade-estado e ansiedade- traço (WEINBERG; GOULD, 2017). A ansiedade-estado se refere ao componente de humor que está em constante variação possível de ser percebido, podendo ser caracterizada por sentimentos subjetivos de apreensão e tensão associado com ativação ou excitação do sistema nervoso autônomo, refere-se ao momento atual e específico da situação. Assim a ansiedade-estado é um

estado emocional transitório ou temporário que sofre variações constantes, com sentimentos de apreensão e tensão conscientemente percebidos, associados com ativação do sistema nervoso central (COSTA et al., 2012; WEINBERG; GOULD, 2017). A ansiedade traço é característica da personalidade do indivíduo sendo ao longo do tempo, relativamente estável.

Um dos fatores que são determinantes no desempenho do atleta é o nível de ansiedade antes das competições, sendo referido na literatura como ansiedade pré-competitiva (KHAN et al., 2011). De acordo com Interdonato et al., (2010) a ansiedade é determinante para o desempenho dos indivíduos, sendo a importância do momento uma das principais causas de ansiedade em atletas. Portanto, a ansiedade é um fator influente em diversos contextos que os indivíduos estão inseridos e há uma relação direta da ansiedade-estado e traço em situações de competição (SOUZA et al., 2012).

Porém, na maioria dos estudos (KHAN et al., 2011; INTERDONATO et al., 2010; SOUZA et al., 2012, por exemplo) os participantes eram atletas de alto rendimento, os quais apresentam características bem específicas, por conta das cobranças e do próprio contexto do Esporte (MACHADO, 2006). Dessa forma, ao estudar outra população, será que os resultados se apresentariam da mesma forma?

Somado a isso, observa-se que os estudos apontados acima apresentam a limitação de investigarem a ansiedade apenas com referenciais intrínsecos (somáticos e cognitivos), não levando em consideração a influência do contexto nos resultados. Apenas Martens et al., (1990) buscou a compreensão do contexto na ansiedade dos atletas, mas limitando-se ao contexto imediato da competição e não a outros contextos que também fazem parte da vida do Atleta. Assim, utilizar-se de teorias que consideram a interação entre sujeito e contexto (diversos) se faz necessário, já que o sujeito está “mergulhado” em diferentes contextos e não é coerente isolá-lo desses contextos nas investigações (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Diante do exposto, observa-se que a Teoria Bioecológica do desenvolvimento humano é uma evolução do sistema teórico para estudos do desenvolvimento humano ao longo do tempo. Nesta teoria, o desenvolvimento pode ser definido como o fenômeno de continuidade e de mudança das

características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduos e grupos (BRONFENBRENNER, 2011).

Assim, o uso da Teoria Bioecológica se faz útil, já que a mesma assume essa interação multidimensional entre o sujeito e os contextos para explicar os comportamentos observados (BRONFENBRENNER, 1979), o que no contexto da ansiedade não se fez, ainda. Diante disso, o presente estudo teve o objetivo de investigar os níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas universitários sob a ótica da Teoria Bioecológica.

1.1 Definição do problema

O contexto esportivo proporciona diversas sensações e emoções aos indivíduos, e estudar essas variáveis tem uma grande importância para melhorar o desempenho nas atividades. As variáveis psicológicas influenciam de maneira direta e indireta os praticantes de esporte. Estas influências podem ser positivas ou negativas e acometem de formas diferentes o desempenho dos indivíduos.

No contexto esportivo a ansiedade pode ser caracterizada como uma emoção negativa, dependendo de como as situações de competição são percebidas. A ansiedade cognitiva engloba as experiências negativas e a ansiedade somática se refere aos aspectos fisiológicos da experiência (WEINBERG; GOULD, 2017). Tendo essas informações como pano de fundo, alguns estudos foram conduzidos (VIEIRA et al., 2011; FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO; FERNANDES, 2012; NASCIMENTO; BAHIANA; NUNES-JUNIOR, 2012; NOGUEIRA, 2016; TEIXEIRA; NUNES; CRUZ, 2016; BARRETO, 2017), porém, em sua grande maioria, utilizou-se como amostra atletas de alto rendimento, demonstrando a carência de estudos com outras populações, como atletas universitários.

O esporte universitário passou por importante evolução desde a primeira década de 2000, especialmente após a representatividade junto ao Ministério dos Esportes, por meio da divisão específica para tratar de questões relacionadas ao âmbito esportivo, como a destinação de recursos para implantação e difusão. Este incremento aproximou o esporte universitário aos moldes do esporte profissional de rendimento, resultante do amadorismo que suas práticas influenciam.

Apesar de todo crescimento do esporte universitário, observa-se carência de investigações específicas com os atletas que estão inseridos nele. Além disso, tratando-se de aspectos psicológicos, observa-se uma carência de estudos na área da Psicologia do Esporte, principalmente com objetivo de entender as relações da ansiedade dos atletas, das variáveis de ordem pessoal e do desempenho esportivo neste contexto (SALLES et al., 2015).

Ao pensar nas diversas teorias que analisam a ansiedade no contexto esportivo, as teorias utilizadas levam em consideração apenas as manifestações cognitivas e somáticas, mas não a influência do contexto sobre elas, com exceção da teoria de Martens et al., (1990), a Teoria da Ansiedade-Traço Competitiva. Todavia tal teoria é limitada a interação apenas com o contexto do momento da competição, não com os contextos anteriores a competição. Assim, ao analisar a ansiedade apenas por esses caminhos verifica-se lacunas na literatura, demonstrando a necessidade de novos olhares para a ansiedade em atletas. Nesse sentido, o uso da teoria bioecológica pode contribuir, já que a mesma considera, na explicação dos fenômenos, a interação entre a pessoa (interações intrínsecas) e o contexto (interações extrínsecas) (BRONFENBRENNER, 2011), algo que as teorias supracitadas não dão conta de explicar, já que essas não assumem uma observação multidimensional que considera os diferentes contextos nos resultados, algo que a Teoria Bioecológica assume.

Assim, ao assumir que o contexto influencia os estados de ansiedade e, conseqüentemente o desempenho, buscou-se, primeiramente, compreender os níveis de ansiedade que os atletas demonstram antes da competição. Dessa forma, a questão norteadora do presente estudo foi: Quais são os níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas universitários? Para responder a essa questão assume-se a Teoria Bioecológica como balizadora das explicações dos resultados obtidos no presente estudo e, com isso, conseguir observar as influências multidimensionais que o atleta recebe no decorrer de sua vida atlética, em especial, no âmbito da Psicologia do Esporte.

1.2 Objetivos

A seguir, são apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos que nortearam o presente estudo.

1.3 Objetivo Geral

Investigar os níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas universitários sob a ótica da Teoria Bioecológica.

1.4 Objetivos Específicos

- Investigar a ansiedade pré-competitiva de atletas universitários.
- Comparar a ansiedade pré-competitiva entre diferentes modalidades esportivas coletivas e o sexo dos participantes.
- Explicar as diferenças de níveis de ansiedade entre as modalidades esportivas investigadas sob a ótica da Teoria Bioecológica.

1.5 Justificativa

O esporte universitário vem se profissionalizando e existem poucos estudos acerca desse nicho do esporte (SALLES et al., 2015). Além disso, vários profissionais estão envolvidos neste contexto como gestores, psicólogos, professores de educação física, administradores entre outros, os quais necessitam de suporte científico para que suas ações sejam mais assertivas, justificando-se, novamente, o presente estudo.

A competitividade está presente em todo contexto esportivo, o que não é diferente no esporte universitário e, a ansiedade pré-competitiva é um dos fatores que pode influenciar o rendimento dos atletas em competições (WEINBERG; GOULD, 2017), o que reforça a importância do presente estudo. Além disso, ao estudar ansiedade, as teorias que utilizam-se não dão conta de explicar a interação entre sujeito e contexto, o que pode ser alcançado com o uso da Teoria Bioecológica, teoria que foi assumida no presente estudo.

Diante disso, apresenta-se acima explicações acerca da relevância do presente estudo, além da contribuição do mesmo para diferentes áreas envolvidas com o esporte, como a Educação Física, a Sociologia, a Gestão Esportiva, a Psicologia e outras áreas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Ansiedade

Machado (1997) define a ansiedade como uma resposta emocional relacionada a um acontecimento que pode ser agradável, frustrante e ameaçador cujo resultado não depende apenas da própria pessoa, mas também de outros. Esta ansiedade ocorre sempre por causa de um futuro incerto ou de algo que esta por vir. Assim a ansiedade é considerada um fator psicológico interferente na performance dos indivíduos.

A ansiedade pode ser considerada como uma apreensão momentânea, na qual o indivíduo percebe as condições do ambiente como desfavoráveis e ameaçadoras (LAVOURA; MACHADO, 2006). Para Weinberg e Gould (2017), a ansiedade pode ser classificada em: ansiedade-traço (inerente a personalidade) tendência comportamental adquirida que influencia o comportamento e ansiedade-estado (componente de humor variante) reações do indivíduo exposto a diversas situações e momentos.

Ao descrever a ansiedade alguns autores a dividem como: traço de ansiedade, uma característica para sentir menor ou maior grau de ansiedade diante de diferentes situações e o estado de ansiedade que mostra as reações do indivíduo diante da situação de tensão temporária e afirmam ter uma relação direta entre os dois tipos de ansiedade em situações de avaliação e competição (SPIELBERGER, 1989; INTERDONATO et al., 2010). Existem tipos severos de distúrbios de ansiedade como fobia, pânico, desordem de compulsão-obsessão, desordem por estresse traumático e desordens gerais de ansiedade (BUCKWORTH et al., 2002). De acordo com Weinberg e Gould (2017) a principal causa da ansiedade é a importância que os indivíduos dão àquele momento, ou seja, quanto maior a importância, maior o nível de ansiedade.

Para Lewin (1975) o comportamento pode ser resultante de fatores como traços de personalidade e interferências ambientais, criando uma abordagem interacionista. Na década de 70, as pesquisas consideravam a ansiedade como traço de personalidade do indivíduo e relacionavam a ansiedade com desempenho esportivo ao considerar que os níveis de

ansiedade se comportavam como U-invertido, ou seja, ao aumentar o nível de ansiedade ajudaria no desempenho motor até certo momento que poderia cair o rendimento caso esse nível continue a subir (IIZUKA et al.,2005).

Atletas em períodos pré-competitivos, podem apresentar diferentes comportamentos comprometendo suas capacidades físicas e psicológicas por estarem em um momento de intensa carga psíquica (SAMULSKI, 2002). Diversas teorias estudam a ansiedade e performance dos indivíduos com intuito de proporcionar possíveis esclarecimentos em situações de vulnerabilidade no esporte (HUMARA, 1999).

Na hipótese do U-invertido, teoria na qual em baixos níveis de ativação o desempenho fica abaixo do padrão (LANDERS; ARENT, 2010). À medida que a ativação aumenta o desempenho melhora até um ponto ideal, porém, se este nível de ativação continua aumentando há por consequência uma queda do desempenho (WEINBERG; GOULD, 2017). Pessoas inseridas no contexto esportivo aceitam essa teoria porque muitos atletas, técnicos e pais já passaram por uma situação variável de ativação. Mas esta teoria é questionada se a ativação sempre ocorrerá no mesmo ponto de ativação por todos os indivíduos.

Já no Modelo de Zonas Individualizadas de Desempenho Ideal -IZOF é uma visão alternativa da teoria do U-invertido (HANIN, 1980, HANIN, 2010). Verificou que atletas de elite apresentam uma zona de ansiedade-estado ideal onde ocorre os melhores desempenhos, já os indivíduos que estão fora dessa zona apresentam desempenho ruim. Estas duas teorias se diferem em relação ao nível ideal de desempenho, sendo que a IZOF leva em consideração as características individuais de cada atleta, portanto cada um apresenta uma zona ideal em momentos distintos (WEINBERG; GOULD, 2017).

Muitos indivíduos conseguem apresentar bons níveis de ansiedade sob tensão esportiva e outros apresentam queda de rendimento diante da mesma. Assim o que um atleta considera como ideal de ansiedade, para outro atleta esse mesmo nível pode ser elevado e prejudicar sua atuação, além das características específicas de cada modalidade esportiva. As competições são específicas em cada modalidade podem ser divididas em competições curtas (menos de 10 minutos) e as longas (mais de 10 minutos) (TERRY, 1995).

Existe uma Teoria diferente das anteriores que é a Teoria da Ansiedade Multidimensional(LIEBERT; MORRIS, 1967). Nesta Teoria os autores argumentam que na IZOF os pesquisadores não levaram em consideração a ansiedade somática (ativação fisiológica) e cognitiva (preocupação) influenciando o desempenho de formas distintas (SAMULSKI, 2009). Assim, a teoria multidimensional não sustenta as influencias no desempenho. O modelo multidimensional de ansiedade pode ser manifestado de forma cognitiva e somática. A cognitiva é expressa por meio de como o indivíduo será avaliado ou autorrelato e a somática haverá um aumento das frequências cardíacas e respiratórias entre outros.

No Modelo da Catástrofe o desempenho do indivíduo dependerá de interações entre ativação e ansiedade cognitiva. Assim, o nível de ativação fisiológica terá relação com o desempenho no formato de U-invertido apenas quando o indivíduo não apresenta preocupação ou ansiedade cognitiva leve. Caso contrário, o indivíduo apresentará um limiar logo após o momento de ativação e queda brusca no desempenho (WEINBERG; GOULD, 2017).

A interpretação da situação por cada indivíduo, não só a quantidade de ativação que este considera importante e pode mudar suas interpretações diante das situações enfrentadas é conhecida como Teoria da Inversão. Assim, na Teoria da Inversão o indivíduo pode interpretar a ativação elevada como uma excitação agradável ou confortável enquanto outro indivíduo interprete de maneira desagradável, portanto, todos os atletas devem ser treinados a enfrentar essas situações de formas diversas (SAMULSKI, 2009).

Martens et al., (1990) desenvolveu a Teoria da Ansiedade-Traço Competitiva, característica estável, na qual o indivíduo pode perceber situações competitivas como ameaçadoras ao seu bem-estar físico, social e psicológico (GONÇALVES; BELO, 2007; SOONO, 2010). O ótimo desempenho pode ser alcançado sem que os indivíduos apresentem valores referentes ao pico de U-invertido de acordo com a Teoria de Yerkes e Dodson (1908). Esta teoria não leva em consideração os fatores multidimensionais da ansiedade e os indivíduos não precisam apresentar valores exatos de ansiedade, mas valores dentro de uma zona ou intervalo, sendo esta variação chamada de zona ótima de funcionamento – ZOF. Assim, de acordo com Bocchini et al., (2008) a

ansiedade pode ser considerada um fator determinante para o atleta conseguir ou não atingir seu desempenho ótimo, dentro de cada modalidade.

Nos momentos que antecedem a competição, o atleta deve prever as situações, oportunidades de riscos tendo como consequências de forma cognitiva, física, motora e emocional (VIEIRA et al., 2011). Quando o atleta encontra-se ansioso, este perde a atenção aos sinais que são necessários, diminuindo seu campo de concentração e prejudicando seu rendimento. O período de preparação do atleta deve ser composto por fatores físicos, psicológicos, técnicos e táticos, sendo todos importantes para a qualidade do desempenho esportivo (DE ROSE JUNIOR, 2000).

Assim, Martens, et al., (1990), desenvolveram o *Competitive State Anxiety Inventory* (CSAI-2), um dos principais instrumentos de análise da ansiedade estado no contexto esportivo. Este inventário é composto por 27 itens que descrevem as condutas de ansiedade física, cognitiva e autoconfiança da seguinte forma: os itens 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22 e 25 pertencem ao fator ansiedade cognitiva; 2, 5, 8, 11, 14 (item invertido), 17, 20, 23 e 26 à ansiedade somática; e, 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24 e 27 à autoconfiança. As afirmações são respondidas de acordo com uma escala do tipo Likert de quatro pontos sendo (1) nada, (2) alguma coisa, (3) moderado e (4) muito. É possível calcular um escore para cada dimensão, através da soma das respostas dos itens daquele fator, podendo os valores variar entre 9 e 36. Moraes (2007) ressaltou em seu estudo que naquela época era o teste mais utilizado na mensuração de ansiedade em atletas do exterior quando comparados aos brasileiros.

Assim, após diversas leituras e com o intuito de possibilitar melhores pesquisas e possibilidades de avaliação em relação a ansiedade em atletas no Brasil, o questionário passou por adequações para ser melhor utilizado na versão traduzida e adaptada do CSAI-2 para o Português do Brasil (COELHO, VASCONCELOS-RAPOSO; MAHL, 2010). Perante os resultados os autores (COX et al., 2003) recomendam que os profissionais e pesquisadores da área da Psicologia do Esporte no Brasil, utilizem o instrumento CSAI-2R para avaliar a ansiedade competitiva.

Estudos de revisão para testar a validade do CSAI-2, demonstraram que este questionário possui validade de constructo, sendo visto como um dos instrumentos válidos e fidedignos para avaliação da ansiedade no esporte (COELHO; VASCONECLOS-RAPOSO; FERNANDES, 2007, FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO; FERNANDES, 2012). Diferentes envolvimento pessoais e ambientais que ocorrem nos contextos tornam-se necessário compreender que suas variações nas percepções da ansiedade são diferentes nos grupos de modalidades desportivas (FERNANDES et al., 2014). Ainda existe uma lacuna quanto à influência da prática de diferentes tipos de modalidades individuais e coletivas na relação entre experiência competitiva e as dimensões da ansiedade competitiva.

Após alguns estudos que questionaram a validação do CSAI-2, identificaram algumas limitações relacionadas aos métodos utilizados pelos estudos de construção do instrumento com objetivo de determinar a estrutura fatorial do CSAI-2 (COX et al., 2003). As limitações citadas por Cox et al., (2003) são a necessidade de inclusão de itens e mais estudos de análise fatorial confirmatória. Fernandes, Vasconcelos-Raposo e Fernandes (2012) sugeriram a eliminação do fator autoconfiança e a eliminação do item 25 (ansiedade cognitiva), o que resultou em um modelo com melhores índices de ajustamento constituído de dois fatores e 17 itens, sugerindo um modelo composto por duas dimensões correlacionadas de ansiedade cognitiva e somática.

2.2 O Esporte Universitário

O esporte universitário é considerado uma prática esportiva formal, que tem como objetivo formar grupos para disputas de competições oficiais (MAZZEI; BASTOS, 2012). O esporte universitário surgiu nas escolas inglesas públicas no século XIX, nas quais as práticas populares se sistematizaram para melhor controle do tempo livre dos adolescentes de classes dominantes (ELIAS, 1992).

Tratando-se de Brasil, as manifestações do esporte universitário tiveram início no final do século XIX, no Colégio Mackenzie em São Paulo, na

Faculdade de Medicina e Cirurgia no Rio de Janeiro, e na antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro. As primeiras competições universitárias realizaram-se dentro de seus próprios Estados. Em 1916 estas disputas alcançaram níveis interestaduais, sendo que São Paulo e Rio de Janeiro foram os primeiros a se defrontarem (HISTÓRICO DE TODOS OS JUBS, 1987).

Observa-se, nesse contexto que o esporte universitário difundiu-se dentro das instituições organizando-se de forma autônoma ao esporte não universitário. Antes da década de 1940, o esporte universitário brasileiro se organizava de forma autônoma em relação ao Estado. Em 1941, o Estado passa a regulamentar as práticas esportivas do país, dentre elas o esporte universitário (STAREPRAVO et al., 2010).

Dessa forma, pode-se verificar que a criação das primeiras federações universitárias ocorreu em 1933, com a Federação Atlética de Estudantes - FAE no Rio de Janeiro, atualmente Federação de Esportes Universitários do Rio de Janeiro – FEURJ. No ano seguinte, 1934, foi criada a Federação Universitária Paulista de Esportes – FUPE, o que ocorreu antes da disputa da Olimpíada Universitária (primeiro Jogos Universitários Brasileiros - JUBs), que ocorreu em 1935 sob a curadoria de Casper Líbero e teve a participação dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Cinco anos mais tarde em 1940, ocorreu a II Olimpíada Universitária Brasileira, a qual foi realizada pela FUPE e contou com a participação de outros Estados, como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Esta competição foi considerada pelo governo a terceira edição dos Jogos Universitários Brasileiros. A primeira teria sido a I Olimpíada Universitária Brasileira, e a segunda os Jogos Universitários de Minas Gerais, em 1938.

Por vários anos, Rio de Janeiro e de São Paulo ficaram responsáveis pela realização em seus Estados de jogos com grande importância para o esporte universitário. A realização destas disputas pelos demais Estados participantes surgiu em 1941, após a intervenção do Estado. Os Jogos Universitários Brasileiros - JUBs nesta época eram realizados de dois em dois anos, e após 1968 passaram a ser disputados anualmente (ALBUQUERQUE, 2003).

Uma mudança importante no esporte do Brasil aconteceu na década de 1940, com aprovação da Lei nº 3.199/41, período de ditadura Vargas, conhecida como Estado Novo. Esta lei influenciou na estruturação do esporte contribuindo com a regulamentação das entidades esportivas, na definição da função do Estado perante o esporte e a normas administrativas das práticas esportivas (STAREPRAVO, 2005). Até este momento o esporte era administrado e organizado pelo poder público, passando a ser centralizado. A dimensão da centralização do poder aconteceu com a formação do Conselho Nacional de Desportos (CND) e dos conselhos regionais (ALBUQUERQUE, 2003; STAREPRAVO, 2005).

O esporte universitário se desenvolvia de maneira mais livre, sem sofrer intervenção mais efetiva do Estado, este foi institucionalizado em 1939, por meio da fundação da Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU), órgão máximo do esporte universitário que sofreu interferência do Estado em 15 de setembro de 1941, através do Decreto-Lei nº 3.617 oficializando a Confederação. O Decreto-Lei nº 421 pode ser considerado a primeira intervenção do Estado incentivando o esporte universitário brasileiro. Com a criação desta lei, regulamentou-se o funcionamento e a organização do esporte universitário, com as federações estaduais dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro (MEZZADRI, 2000).

A primeira representação desportiva universitária foram as Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) dos cursos. Estas associações reunidas formaram a Confederação de Desportos Universitários. Nos anos que seguiram o esporte universitário continuou a se desenvolver sob a tutela do Estado e amparados pela legislação de 1941. Na década de 70 as propostas para o esporte universitário foram crescendo e o Estado cada vez mais (MEZZADRI, 2000). Nas décadas de 70 e 80 o esporte universitário era praticado apenas por estudantes que gostavam de praticar as modalidades, mas na década de 90 o esporte universitário começou a ser visto de forma lucrativa para as instituições, porém isso ainda não foi possível devido a não estruturação das instituições (TUBINO, 2002; STAREPRAVO et al., 2010).

A consolidação do Estado como organizador do esporte nacional ocorreu com a criação da nova legislação referente às práticas esportivas, com

a promulgação da Lei Federal nº 6.251/75 e do Decreto-Lei nº 80.228/77, instituindo a Política Nacional de Desenvolvimento da Educação Física e Desporto. Pensando na estrutura do esporte, este tinha como base a centralização das ações nas práticas esportivas e o desporto estudantil dividido pelo sistema de esporte escolar e o sistema de esporte universitário nas federações estaduais e associações atléticas acadêmicas (AAA's) constituídas por instituições do ensino superior consolidando a Confederação Brasileira de Esportes Universitários – CBDU. Foi ainda determinada a prioridade do apoio dos órgãos públicos para o desporto estudantil, de acordo com o artigo 7º, item 1, do decreto 80.228/77.

Para o esporte universitário, a lei garantiu parte do valor repassado (5%) para o financiamento da manifestação esportiva. Esta questão pode ter sido um fator que alavancou um novo momento do esporte universitário, retomando as Olimpíadas Universitárias em 2004 tendo apoio da mídia e o patrocínio de grandes empresas. Assim, o esporte universitário que desenvolveu até a década de 1980 sob o Estado passa por uma crise em até o ano de 2007. Com a lei Piva (Lei nº10. 264), obteve um percentual das verbas ao esporte universitário, criou-se um vínculo da Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU) junto ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), e adotou-se uma nova política pelo Ministério do Esporte em 2003, criando um novo esporte universitário profissional no Brasil.

Diante do exposto, pode-se dizer que o esporte universitário passou por várias fases, tendo seu início nas manifestações do esporte em instituições, porém ainda não tinham estrutura das atuais universidades e as competições eram realizadas dentro da própria instituição, sem integração de outros Estados (ELIAS, 1992; STAREPRAVO, 2010). Neste contexto, o esporte universitário desenvolveu-se por um tempo sem intervenções efetivas do Estado e foi institucionalizado por meio da fundação da Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU), porém só teve influência após o Decreto-Lei nº 3.617/41 oficializando a Confederação.

Assim, o esporte universitário apresenta suas individualidades dentro de cada campus universitário, pois este sofre influências no campo político, educacional e social, não deixando de destacar a individualidade dos gestores

esportivos em cada instituição. Tratando do esporte universitário no século XXI, no ano de 2004 iniciou-se a disputa dos Jogos Universitários Brasileiros – JUB's, que em 2005 passaram a se chamar de Olimpíadas Universitárias sendo composta por competições estaduais e nacionais.

As competições estaduais servem de seletivas para determinar as equipes que irão participar em cada modalidade na competição nacional (BRASIL, 2005). Nesses jogos, diversos atletas de diferentes universidades participam das competições em diversas modalidades como: Voleibol, Natação, Basquete, Atletismo, Handebol, Futsal, Judô (BRASIL, 2005).

2.3 Teoria Bioecológica e o Desenvolvimento Humano

Pensar de forma inovadora o desenvolvimento humano é importante, pois reflete na constante interação e modificação do ser humano. Assim, ao entender o ser humano deve-se ir além de entender seu ambiente ou seu movimento espacial, mas sim no processo de construção do ser humano em si (TURVEY, 1977; GIBSON, 1979). A busca do ser humano pela sobrevivência no ambiente e sua localização espacial no sistema é constante ao tentar controlar seu corpo e suas atitudes procurando assim sua auto-organização no sistema. Assim, por meio de novos olhares a ciência procura entender os novos processos de aprendizagem, evolução e desenvolvimento do ser humano que são provindos de instabilidades, desordens e incertezas, podendo assim utilizar desta ciência para uma nova transformação (TERTULIANO, 2016).

Ao falar da Teoria Bioecológica (BRONFENBRENNER, 2011) ou Teoria Ecológica (KREBS, 1995), esta pode ser classificada como uma teoria relativamente nova, que evoluiu de outras teorias que compreendem o biodesenvolvimento de um indivíduo desde a concepção até a maturidade. A Teoria Bioecológica assume que o processo de desenvolvimento humano é contínuo e que muda as características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduo, assim como seus comportamentos no grupo e as próximas gerações (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

O desenvolvimento do ser humano acontece mediante processos que podem se tornar mais complexos, recíprocos e ambientais (BRONFENBRENNER, 1979). Assim, este processo de evolução deve ser contínuo e longo, podendo gerar influências e efeitos no desenvolvimento do ser humano. A Teoria Bioecológica estuda o ser humano em diversos ambientes, definindo que o desenvolvimento deve ser avaliado como um conjunto de funções com características pessoais e ambientais, levando em consideração pesquisas em ambientes naturais (MARTINS; SZYMANSKI, 2004; BRONFENBRENNER, 2011).

A pessoa influencia o ambiente ao iniciar qualquer tarefa, e também sofre influência de outras pessoas, símbolos, objetos do contexto, definindo assim a bidirecionalidade pessoa/ambiente. A teoria assume que a pessoa pode ser compreendida em suas características biológicas e psicológicas e o ambiente compreende os fatores físicos, sociais e culturais do ser humano (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Mais do que isso, de acordo com a teoria o desenvolvimento humano acontece mediante processos, que se tornam complexos gradativamente, de interação recíproca de uma pessoa ativa com outras pessoas, ambientes e símbolos do seu ambiente (BRONFENBRENNER, 1979). Esse processo de reciprocidade é denominado de processo proximal e deve ocorrer de forma regular durante um período de tempo para gerar efeitos no desenvolvimento. Assim, a Teoria Bioecológica estuda o ser humano em seus ambientes, assumindo que o desenvolvimento e comportamento devem ser examinados como um conjunto de funções, resultantes das características da pessoa e do ambiente (BRONFENBRENNER, 1979, 2011).

O modelo bioecológico é considerado um sistema vivo que representa as relações de desenvolvimento humano de maneira integral e mutável e para que esse desenvolvimento ocorra a pessoa precisa ser ativa nas interações recíprocas em seu entorno (BRONFENBRENNER, 2011; FORD; LERNER, 1992). Portanto, todo este processo acontece de formas e níveis distintos do desenvolvimento intelectual, social, moral e emocional. Bronfenbrenner (2011) reconheceu que sua teoria poderia estar fragilizada e incompleta até que incluísse os níveis funcional e estrutural dos indivíduos (aspectos psicológicos,

biológicos e comportamentais), unindo-os de maneira dinâmica aos sistemas ecológicos criados anteriormente.

Consequentemente, Bronfenbrenner (2011) trabalhou por mais de uma década, para integrar os outros níveis de sistema de desenvolvimento humano (Biologia, Psicologia e o comportamento) dentro do modelo de desenvolvimento humano formulado por ele. Dessa forma, de acordo com a teoria bioecológica, entendem-se as interações entre pessoa e ambiente por meio do modelo PPCT (processo, pessoa, contexto e tempo) (BRONFENBRENNER, 2011).

Este modelo permite entender o processo e relacionar as características da pessoa e do ambiente para o desenvolvimento humano. As características pessoais podem ser apresentadas de duas formas, sendo elas a pessoa do PPCT e os resultados do desenvolvimento da interação dos elementos do PPCT, assim pode-se dizer que esta Teoria é produto ou produtora do desenvolvimento do ser humano (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

O modelo PPCT (processo – pessoa – contexto – tempo) surgiu de quatro modelos interligados: (1) o processo de desenvolvimento que envolve o indivíduo e o contexto, (2) a pessoa com seu repertório individual, (3) o contexto de desenvolvimento humano e (4) o tempo envolvendo as dimensões de diversas temporalidades. Assim, juntos, estes quatro elementos constituem a Teoria Bioecológica pelo PPCT (BRONFENBRENNER, 2011). Ao se tratar de cada elemento do PPCT, o **processo** se refere as relações de diferentes níveis da fase de desenvolvimento, ou seja, para que aconteça o desenvolvimento emocional, intelectual, social e moral do indivíduo, este deve participar ativamente do ambiente. Para Bronfenbrenner e Morris (1998) as formas de interação entre a pessoa e o ambiente são conhecidas como processo proximal, que funcionam como motor do desenvolvimento, exercendo diferentes influências em função do contexto e das características pessoais.

De acordo com a Teoria Bioecológica os processos proximais conduzem a pessoa a dois resultados de desenvolvimento: a competência e a disfunção. A competência é a aquisição, desenvolvimento de habilidades e conhecimentos que guiam o comportamento em direção a situações de desenvolvimento mais complexas. A disfunção é a dificuldade que a pessoa tem de manter o

comportamento aprendido e a integração desse comportamento nas diferentes situações e domínios do desenvolvimento, ou a falta de recursos necessários para avançar enquanto complexidade de comportamentos (TERTULIANO, 2016).

O **contexto** é um elemento importante para o desenvolvimento humano no que diz respeito ao ambiente global que o indivíduo está inserido e onde acontecem os processos de desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1979), segundo o modelo PPCT. Os contextos, de acordo com a teoria, são concebidos como um conjunto de sistemas concêntricos em quatro níveis distintos, mas sucessivos: **microssistema**, **mesossistema**, **exossistema** e **macrossistema**. No contexto, as características que influenciam o desenvolvimento podem ser: os recursos físicos, materiais e sociais podendo ser apresentados de forma organizada ou não, observados em todos os níveis (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; BHERING; SARKIS, 2009).

O primeiro contexto que Bronfenbrenner considera o mais imediato é o **Microssistema**, no qual há características que permitem a interação cada vez mais complexa das pessoas. Neste microssistema ocorre o desenvolvimento pessoal com atividades, papéis e relações interpessoais vivenciadas pela pessoa em um dado ambiente estabelecendo relações face a face com características físicas, sociais e simbólicas específicas que proporcionem o engajamento, sustentando atividades complexas em um contexto imediato (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Um exemplo desse sistema pode ser a família na qual o indivíduo passa maior parte do seu tempo e cria uma relação com os pais, gerando assim alguma influência no seu próprio sistema. Há aspectos positivos e negativos que influenciam o desenvolvimento sendo os positivos tudo que o convida a explorar o ambiente e os negativos a falta de estrutura e estabilidade para explorar o ambiente.

O Microssistema é um importante contexto de desenvolvimento do ser humano, mas deve haver uma interconexão entre os microssistemas que são chamados de **Mesossistema**. Este sistema engloba diversos ambientes constituídos por microssistemas que levam a pessoa à experimentar e engajar em situações de novos contextos, como por exemplo a relação da família e do ambiente escolar (BRONFENBRENNER, 1979; TERTULIANO, 2016). Existem

outros dois contextos não imediatos, que o indivíduo não participa diretamente, que é o **Exossistema** e o **Macrossistema** que influenciam no desenvolvimento da pessoa de forma direta ou indireta (BENETTI et al., 2013).

O **Exossistema** é o contexto que a pessoa em desenvolvimento não está presente, mas sofre influências, sendo a interação entre dois ou mais contextos, mas a pessoa está inserida em apenas um contexto. Os exossistemas são importantes, pois envolvem a pessoa mesmo que ela não faça parte do ambiente.

Um exemplo de exossistema é a relação do sistema (família) com o sistema (emprego), por exemplo, o pai quando está nervoso/estressado com a rotina diária não consegue dar atenção necessária a seus filhos, assim, o horário de trabalho do pai tem relação direta com o microssistema (casa), principalmente com filhos mais novos, o que pode gerar implicações na família e influenciar o desenvolvimento de todos os membros da família (TERTULIANO, 2016).

Por fim, o **Macrossistema** pode ser definido como um padrão global do micro, meso e exossistema, no qual há um padrão de características de todos os outros sistemas (forma de organização social, crenças e estilos de vida). Assim, representa as ideologias e estilos de vidas que refletem nas metas e práticas sociais (BRONFENBRENNER, 2011).

Em contrapartida ao contexto, a **pessoa** do sistema (PPCT) está em constante mudança no decorrer da vida. De acordo com a teoria, as convicções, nível de atividade e temperamento fazem parte do processo de desenvolvimento humano. Nessa visão, qualidades pessoais podem conduzir a pessoa a mudanças no processo de crescimento psicológico (BENETTI et al., 2013). Existem três diferentes tipos de características da pessoa que podem influenciar o processo de desenvolvimento humano e moldar a interação afetando os processos proximais no decorrer da vida: as disposições, a demanda e os recursos (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; BRONFENBRENNER, 2011).

As **disposições** se referem as características da pessoa que mais influenciam o seu desenvolvimento e o quanto estas podem ser sustentadas. Estas características não determinam o curso do desenvolvimento, mas

influenciam dependendo de outras forças e recursos, denominando características como impulsividade, distração, insegurança e timidez (BRONFENBRENNER, 2011). As capacidades, habilidades e experiências dos indivíduos favorecem a ocorrência de processos proximais e por outro lado, os recursos bioecológicos constituem os componentes biopsicossociais da pessoa influentes na capacidade de engajar em processos proximais (BRONFENBRENNER, 2011).

Para Bronfenbrenner e Morris, (1998) existem três tipos de **disposições** ativas que induzem ao desenvolvimento, modulando a responsabilidade da pessoa frente ao ambiente:

- 1- Responsividade seletiva: promove respostas diferentes, atrações e explorações de aspectos do ambiente físico e social;
- 2- Capacidade de persistir e engajar em atividades complexas, chamada de propensões estruturantes;
- 3- Crenças diretivas, crença que a pessoa tem sobre si como um agente ativo na relação entre ela e o ambiente.

Existem também as características de **demanda** que conduzem a reações do contexto social que influenciam excitando ou interrompendo a operação de processos proximais, podendo impedir ou favorecer os processos de crescimento psicológico (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Qualquer evento histórico pode alterar o desenvolvimento humano de uma pessoa ou de um grupo de pessoas (BRONFENBRENNER, 2011). Vão surgindo novos desafios e interações que os indivíduos deverão buscar níveis mais complexos para interagir no mesmo. Assim, para tentar compreender o ser humano, principalmente frente ao desenvolvimento, é necessário considerar os aspectos e as dimensões individuais e o ambiente em que elas estão inseridas (TERTULIANO, 2016).

Por fim, os **recursos biológicos** podem ser compreendidos como a experiência e o conhecimento em relação aos processos proximais, para que estes sejam efetivos em uma fase específica do desenvolvimento. Estes recursos influenciam o desenvolvimento, mas não se relacionam com a disposição seletiva para a ação (BHERING, SARKIS, 2009; TERTULIANO,

2016). Os recursos constituem os componentes da pessoa que podem influenciar a capacidade do indivíduo se engajar em processos proximais.

Uma característica que influencia os processos proximais é a condição, sendo que esta pode limitar ou dificultar a integridade funcional da pessoa (doenças, lesões etc.). Por outro lado, as capacidades de conhecimento das habilidades e experiências favorecem a ocorrência de processos proximais (BRONFENBRENNER, 2011; TERTULIANO, 2016).

Para Bronfenbrenner e Morris (1998), o desenvolvimento está relacionado às mudanças e estabilidades das características biopsicológicas por meio das gerações e do tempo, sendo o **tempo** o último elemento do PPCT. O **tempo** tem relação com o desenvolvimento histórico em virtude das alterações que acontecem no decorrer do tempo que se denomina Cronossistema. Este cronossistema, considera o tempo relacionado as transições do curso de vida (BRONFENBRENNER, 2011; BENETTI et al., 2013).

O tempo pode ser explicado por três diferentes níveis: microtempo, mesotempo e macrotempo (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; BRONFENBRENNER, 2011).

O **microtempo** tem relação com a continuidade e não continuidade de episódios no processo proximal. O **mesotempo** relaciona-se à periodicidade desses episódios em grandes intervalos, por exemplo, dias e semanas. Por fim, o **macrotempo** diz respeito às mudanças no âmbito da grande sociedade, podendo ocorrer através de gerações, ou seja, como as sociedades influenciam e são influenciadas ao longo do ciclo da vida (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; BRONFENBRENNER, 2011).

Assim, compreende-se que o desenvolvimento não é estático e nem imutável ao longo do tempo. A cada fase da vida existem novos desafios, que contribuem com a interação entre a pessoa e o ambiente, conduzindo à buscas mais complexas de interação. Para que se possa compreender o ser humano, principalmente frente ao desenvolvimento, é necessário considerar os aspectos e as dimensões individuais e o ambiente que estão inseridas (BHERING; SARKIS, 2009; BENETTI et al., 2013).

Baseado no exposto, fatores considerados ruins (antiga ciência) atualmente são considerados importantes para evolução do ser humano (nova ciência), sempre na busca de uma crescente complexidade (MILLER, 1978; TANI, 2005; TERTULIANO, 2016). Em muitos casos pode-se pensar a ordem por meio de desordens, e o contexto, remete-nos à pensar em características individuais do sujeito (psicológicas, fisiológicas, anatômicas, cognitivas) (PRIGOGINE, 1996), demonstrando a necessidade de teorias como a bioecológica para melhor compreensão das restrições que o ambiente e os aspectos psicológicos empõem no atleta durante as competições (MACHADO; ARAÚJO, 2010). Abaixo segue a Figura 1, ilustrando as interações das quatro dimensões da Teoria Bioecológica.

Figura 1. O dinamismo das interações entre as quatro dimensões.



Fonte: Silva (2012)

3. MÉTODO DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa descritiva com o objetivo de investigar as relações de causa e efeito das variáveis investigadas (THOMAS, NELSON; SILVERMAN, 2012).

3.1 Participantes

O estudo contou com a participação voluntária de atletas da Universidade Federal de Lavras – UFLA, de ambos os sexos, com idade entre 18 a 30 anos, praticantes de modalidades coletivas na instituição e convocados para os Jogos Universitários Mineiros (JUM's) de 2016. Vale ressaltar que todos os participantes são cadastrados na associação de atletas da UFLA. Dessa forma, foi utilizada uma amostragem pré-determinada, probabilística e intencional de participantes (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012), já que utilizou-se apenas os atletas convocados para os JUM's.

Para participar da pesquisa o atleta inicialmente deveria ser maior de idade, ser cadastrado na associação de atletas da Universidade Federal de Lavras e ser convocado para os Jogos Universitários Mineiros. Após aplicação dos critérios de inclusão, para pesquisa, os atletas que se adequarem a mesma receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –TCLE (APÊNDICE I), aprovado no Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – Instituto de Biociências – IB sob o número de parecer: 2.119.009 (APÊNDICE II).

Diante disso, depois da aplicação dos critérios de inclusão, participaram do presente estudo 41 (quarenta e um) atletas, sendo 20 (vinte) homens (48,8%) e 21 (vinte e um) mulheres (51,2%). Os 41 atletas eram praticantes de 3 distintas modalidades esportivas coletivas: Handebol, Futsal e Voleibol. Desse total, 17 (dezessete) eram atletas de Handebol (41,46%), sendo 10 (dez) homens e 7 (sete) mulheres, 14 (quatorze) são atletas de Futsal (34,14%), sendo 10 (dez) homens e 4 (quatro) mulheres, e 10 (dez) são atletas de Voleibol (24,39%), sendo 10 (dez) mulheres (100%). A idade dos atletas

variou entre 18 e 30 anos, apresentando média de idade de 22,10 anos e desvio padrão (DP) de 3,426, conforme Tabela 1.

Em síntese, os participantes foram divididos em 3 grupos experimentais, de acordo com a modalidade esportiva praticada. Assim, os 3 grupos foram: Atletas de Handebol (17 participantes), Atletas de Futsal (14 participantes) e Atletas de Voleibol (10 participantes).

Tabela 1. Amostra dos participantes da pesquisa

Modalidades	Participantes	Idade (Média= 22,10, DP= 3,426)
Handebol (41,46%)	F - 7 M - 10	23,41 ($\pm 3,35$)
Futsal (34,14%)	F - 4 M - 10	20.95 ($\pm 4,94$)
Voleibol (24,39%)	F - 10	19.8 ($\pm 2,97$)

Fonte: a autora

Abaixo estão descritos o tempo de prática dos atletas em cada modalidade (Tabela 2).

Tabela 2. Tempo de prática da modalidade (anos)

Futsal	Handebol	Voleibol
Até 5 anos – 14,28%	Até 5 anos – 11,76%	Até 5 anos – 10%
6 a 10 anos – 28,57%	6 a 10 anos – 29,41%	6 a 10 anos – 40%
11 a 15 anos – 28,57%	11 a 15 anos – 41,17%	11 a 15 anos – 40%
Acima 16 anos – 21,42%	Acima 16 anos – 11,76%	Acima 16 anos – 0

Fonte: a autora

Na Tabela 3, estão descritos a frequência semanal de treinamento dos atletas nas modalidades esportivas.

Tabela 3. Frequência semanal de treinamentos dos atletas.

Futsal	Handebol	Voleibol
-	1- 5,88%	-
2 – 78,57%	2 – 11,76%	-
-	3 – 70,58%	3- 100%
4 – 7,14%	4 – 11,76%	-
5- 14,28%	-	-

Fonte: a autora

Na tabela 4, estão descritos as porcentagens que os atletas de cada modalidade utilizam ou não da tecnologia para melhorar o desempenho.

Tabela 4. Uso ou não de tecnologias pelos atletas

Futsal	Handebol	Voleibol
Não usa – 100%	Não usa – 100%	Não usa - 92,85%
		Usa – 7,14%

Fonte: a autora

Na tabela 5, estão descritos a porcentagem de percepção de ansiedade dos atletas diante da competição.

Tabela 5. Descrição da percepção de ansiedade dos atletas antes da competição.

Futsal	Handebol	Voleibol
Sim – 50%	Sim – 23,52%	Sim – 35,71%
Não 30%	Não – 64,70%	Não – 42,85%
Um pouco – 20%	Um pouco – 11,76%	Um pouco – 14,28%

Fonte: a autora

E por fim, nenhum atleta que participou da competição fez qualquer atividade de preparação psicológica individual ou com um profissional especializado para isto.

3.2 Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos específicos para esta pesquisa, O primeiro foi o questionário de caracterização da amostra (APÊNDICE III), com questões relacionadas a idade, sexo, modalidades esportivas que praticam atualmente. Este questionário foi utilizado para classificação dos atletas por meio da anamnese e possibilidades de inserção na pesquisa. O segundo instrumento foi o questionário *Competitive State Anxiety Inventory-2* - CSAI-2 (MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990), o qual tem a versão revisada e reduzida proposta por Cox, Martens e Russell (2003), denominada de CSAI-2R, o qual foi validado e adaptado para língua portuguesa brasileira (APÊNDICE IV) (FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO; FERNANDES, 2012).

O CSAI-2R é um instrumento constituído por 17 itens agrupados em três subescalas: os itens 2, 5, 8, 11e 14 pertencem a subescala ansiedade cognitiva; os itens 1, 4, 6, 9, 12,15 e 17 à ansiedade somática e os itens 3, 7, 10, 13 e 16 à autoconfiança. Essas subescalas podem ser avaliadas em 3 dimensões: intensidade, frequência e direção. No presente estudo utilizou-se apenas a dimensão intensidade. Nessa dimensão as questões são respondidas de acordo com uma escala *Likert* de quatro pontos (nada=1, alguma coisa=2, moderado=3, muito=4). É possível calcular um escore para cada subescala por meio da soma das respostas dos itens de cada, dividida pelo respectivo número de itens, podendo variar entre 1 e 4.

Em relação as três subescalas, a ansiedade cognitiva pode ser definida como as preocupações e expectativas negativas acerca do rendimento e da auto avaliação negativa (pensamentos negativos e preocupações sobre a performance). Já a ansiedade somática tem relação com a percepção dos sistemas somáticos, colocando o organismo com estado em alerta, aumentando adrenalina e cortisol. E por fim a autoconfiança pode ser definida

como uma variação da falta de confiança e confiança excessiva (FERREIRA, 2006).

3.3 Procedimentos metodológicos

O desenvolvimento do estudo respeitou os princípios legais de uma pesquisa que envolve coleta de dados com seres humanos. A primeira etapa consistiu em elaboração do projeto de pesquisa e apresentação ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Instituto de Biociências de Rio Claro/UNESP.

Após a primeira etapa e a aprovação do projeto pelo CEP, passou-se para segunda etapa, que consistiu em convidar participantes para o estudo e para isso, foram realizados contatos, via *internet* (*Facebook®*), com técnicos das equipes das modalidades coletivas da UFLA participantes dos Jogos Universitários Mineiros de 2016. Após aceitação do técnico de cada equipe em liberar seus atletas a participarem do estudo, foi realizado o contato com os atletas, os quais receberam explicações sobre o objetivo da pesquisa, sendo orientados que poderiam desistir do estudo se desejassem não prosseguir, em qualquer uma das etapas seguintes. Esta etapa foi conduzida de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), respeitando todos os padrões éticos de pesquisas com seres humanos.

O técnico de cada equipe foi esclarecido pela pesquisadora sobre a organização e normas de coleta que deveria ser respeitada antes da competição, para assim traçar um padrão de coleta semelhante à todas equipes participantes. Os atletas participantes leram, preencheram e assinaram o TCLE devolvendo uma via pessoalmente a pesquisadora em data estabelecida pelo mesmo, pois sem a entrega os atletas não poderiam participar da pesquisa. Assim, apenas os participantes que entregaram o TCLE fizeram parte da amostra.

Cada técnico participou de uma reunião com a pesquisadora para esclarecimento de como deveria ser realizada a coleta de dados e o período antes da competição. Assim, cada técnico ficou responsável em entregar os questionários e monitorar o tempo de respostas dos seus atletas. Os questionários foram respondidos num intervalo de 30 minutos a 2 horas antes

da primeira partida do campeonato, no período de aquecimento e o tempo gasto pelos atletas para responder os dois questionários (caracterização da amostra e CSAI-2R) variou de 20 a 40 minutos. Ao final da competição o técnico retornou os questionários respondidos ao pesquisador para análise dos dados além de informar o resultado da partida, para possíveis associações aos dados da pesquisa.

3.4 Procedimentos de análise

Assumindo-se a abordagem mista de pesquisa, optou-se por análises que dessem a possibilidade de apresentações qualitativas e quantitativas dos dados. Assim, utilizou-se de estatísticas descritivas e inferenciais para responder aos objetivos do estudo. As estatísticas descritivas contribuem com a descrição detalhada dos dados, oferecendo ao trabalho uma visão mais global dos valores obtidos e da natureza dos mesmos (GUEDES et al., 2005). Em relação aos dados obtidos pelo instrumento do presente estudo, o CSAI-2R, os mesmos são variáveis intervalares, o que possibilitou medir a diferença entre valores, o cálculo de média, mediana, máximo e mínimo, além da construção de tabelas para facilitar a estatística descritiva (PAGANO; GAUVREAU, 2004).

Em relação as análises inferenciais, houve a necessidade, primeiro, de avaliar a consistência interna das subescalas do instrumento, CSAI-2R a qual foi avaliada utilizando-se do alfa de Cronbach (α de Cronbach), assumindo valores entre 0,7 e 0,8 como aceitáveis para o α (FIELD, 2009), para cada subescala de forma isolada. Na avaliação da fidedignidade teste-reteste foi utilizado o coeficiente de correlação intraclass entre os itens e subescalas do instrumento.

Após as análises de consistência interna e, em função do número de participantes em cada grupo, testou-se a normalidade dos dados, ou seja, a assimetria de distribuição. A assimetria da distribuição foi avaliada utilizando-se dos coeficientes de assimetria e curtose, assumindo-se valores que se encontravam entre -1 e +1. Após essa análise, testou-se, também, a

homogeneidade de variância através do teste de Levene, assumindo-se valores de $p > 0,05$.

Como os dados não apresentaram assimetria de distribuição, ou seja, as análises de normalidade demonstraram que a maioria dos itens ficaram fora do limite de -1 e +1, o que demonstra violação no pressuposto de normalidade, e somado a isso, demonstraram que não houve homogeneidade de variância ($p < 0,05$), assumiu-se testes não paramétricos. Além disso, de acordo com Torman, Coster e Riboldi (2012) amostras menores de 30 participantes por grupo, podem ser analisadas diretamente por testes não paramétricos, sem a necessidade de testar normalidade e homogeneidade de variância, corroborando com a escolha dos testes não paramétricos. O nível de significância adotado no presente estudo foi de $p \leq 0,05$ (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Para as análises entre grupos, utilizou-se do Teste Kruskal Wallis (K-W) com post hoc U de Mann-Whitney. Além disso, quando se teve 2 grupos de análises, utilizou-se o teste U de Mann-Whitney para comparações entre grupos. Para analisar as diferenças intragrupo entre as subescalas, utilizou-se do teste de Friedman. Concernente a localização, utilizou-se o post hoc de Wilcoxon. Para controle do erro tipo 1, foi utilizado o procedimento sequencial Holm de Bonferroni (GREEN; SALKIND; AKEY, 2000) tanto nas análises intragrupo, quanto nas análises entre grupos. Utilizou-se para todas análises o programa estatístico *Statistical Package for Science Social* (SPSS) versão 20.0 for Windows.

Em relação aos grupos, os mesmos foram formados utilizando-se diferentes critérios. O primeiro critério de formação de grupo diz respeito ao Esporte que o participante praticava. Assim, a primeira análise entre grupos utilizou-se de 3 grupos: Grupo 1 – atletas de Futsal; Grupo 2 – atletas de Handebol e; Grupo 3 – atletas de Voleibol. Vale ressaltar que a quantidade de homens e mulheres para cada grupo já foi apresentado no subcapítulo participantes (vide acima). O segundo critério separou os participantes em 2 grupos, de acordo com o sexo dos participantes. Assim, utilizou-se o Grupo Masculino (20 participantes) e Grupo Feminino (21 participantes).

4. RESULTADOS

Frente a análise de consistência interna das subescalas, observa-se que para subescala ansiedade somática, o valor de α foi de 0,741. Para subescala ansiedade cognitiva, o valor de α foi de 0,752 e, por fim, para subescala autoconfiança o valor de α foi de 0,854, demonstrando uma adequada consistência interna das subescalas do instrumento (Tabela 6 e 7).

Somado a isso, observa-se na tabela 3 que mesmo que algum item seja retirado da subescala, a consistência interna não aumentará, ou seja, nenhum dos itens irá afetar substancialmente a consistência interna da subescala se for retirado. Além disso, todos os itens apresentarem valores de correlação total dos itens corrigidos acima de 0,30, demonstrando boa correlação entre os itens e a subescala a qual eles pertencem. O pior item, enquanto isso é o item 17, mas observa-se que mesmo o retirando o α de Cronbach da subescala somática aumentará de 0,741 para 0,746, ou seja, não terá um aumento significativo e os dois valores refletem um grau razoável de consistência interna, ou seja de confiabilidade (FIELD, 2009).

Tabela 6: Análise de consistência interna das subescalas do CSAI-2R por meio do α de Cronbach (n=41).

Subescala	ansiedade somática	ansiedade cognitiva	autoconfiança
Valor de α	0,741	0,752	0,854

Fonte: a autora

Tabela 7: Análise de consistência interna das subescalas do CSAI-2R por meio da correlação total dos itens corrigidos e do α de Cronbach se o item for retirado (n=41).

Subescala	Item	Correlação item-total corrigida	α de Cronbach se o item for retirado
ansiedade somática	1	0,395	0,722
	4	0,520	0,693
	6	0,514	0,695
	9	0,445	0,710
	12	0,545	0,688
	15	0,489	0,699
	17	0,378	0,746
ansiedade cognitiva	2	0,411	0,729
	5	0,377	0,744
	8	0,613	0,653
	11	0,585	0,657
	14	0,581	0,672
Autoconfiança	3	0,671	0,823
	7	0,728	0,808
	10	0,629	0,834
	13	0,668	0,824
	16	0,643	0,831

Fonte: a autora

Após as análises de consistência interna das subescalas, iniciou-se as análises entre grupos para cada subescala. A primeira análise dividiu os participantes em 3 grupos, de acordo com o Esporte que praticavam: Grupo Futsal (14 participantes), Grupo Handebol (17 participantes) e Grupo Voleibol (10 participantes). Observa-se que nas análises entre grupos, o grupo Voleibol apresentou maior ansiedade que os demais grupos e que o grupo Futsal apresentou maior autoconfiança, comparado aos demais grupos, de acordo com a média dos escores (Tabela 8).

Tabela 8: Média e desvio padrão dos escores, separados por esporte, para as 3 subescalas do CSAI-2R (n=41).

Esporte	ansiedade somática*	ansiedade cognitiva*	Autoconfiança*
Futsal (n=14)	1,70 ($\pm 0,71$)	1,59 ($\pm 0,42$)	3,31 ($\pm 0,66$)
Handebol (n=17)	1,62 ($\pm 0,50$)	2,08 ($\pm 0,70$)	2,54 ($\pm 0,62$)
Voleibol (n=10)	2,31 ($\pm 0,22$)	2,14 ($\pm 0,62$)	1,60 ($\pm 0,47$)

*Média (desvio padrão)

Fonte: a autora

Tais achados foram confirmados pelas análises inferenciais. Referente as análises entre grupos, houve diferença significativa para as 3 subescalas (Tabela 9).

Tabela 9: Comparação entre grupos para as 3 subescalas do CSAI-2R (n=41).

	ansiedade somática	ansiedade cognitiva	autoconfiança
Qui-quadrado	12,031	6,337	22,784
grau de liberdade	2	2	2
Significância	0,002	0,042	0,000

Fonte: a autora

Concernente a localização das diferenças, O Post-Hoc demonstrou que existe diferença entre o Futsal e o Handebol nas subescalas: ansiedade cognitiva e autoconfiança (Tabela 10). Em relação a diferença, observa-se que o grupo Handebol apresentou valores superiores ao grupo Futsal na ansiedade cognitiva (Futsal = 12,29 e Handebol = 19,06). Todavia, o grupo Handebol apresentou valores inferiores de autoconfiança (Futsal = 21,29 e Handebol = 11,65). Tais resultados demonstram que o grupo Handebol apresenta elevada ansiedade cognitiva e baixa autoconfiança, comparado com o grupo Futsal.

Tabela 10: Localização da diferença entre grupos para os grupos Futsal e Handebol (n=31).

	ansiedade somática	ansiedade cognitiva	Autoconfiança
U de Mann-Whitney	118,000	67,000	45,000
Wilcoxon	271,000	172,000	198,000
Escore-Z	-0,40	-2,080	-2,964
Significância assintomática (Bilateral)	0,968	0,038	0,003
Significância exata [2* (Sig. Unilateral)]	0,984	0,040	0,003

Sig. (significância)

Fonte: a autora

Além dessas diferenças, o teste U de Mann-Whitney demonstrou que também existe diferença entre o Futsal e o Voleibol nas 3 subescalas (Tabela 11). Frente a diferença, observa-se que o grupo Voleibol apresenta valores superiores para ansiedade somática (Futsal = 9,07 e Voleibol = 17,30) e cognitiva (Futsal = 9,82 e Voleibol = 16,25). Entretanto, na dimensão autoconfiança, o grupo Voleibol apresentou valores médios inferiores (Futsal =

17,32 e Voleibol = 5,75). Tais resultados demonstram que o grupo Voleibol apresenta elevada ansiedade somática e cognitiva e baixa autoconfiança, comparado com o grupo Futsal.

Tabela 11: Localização da diferença entre grupos para os grupos Futsal e Voleibol (n=24).

	ansiedade somática	ansiedade cognitiva	autoconfiança
U de Mann-Whitney	22,000	32,500	2,500
Wilcoxon	127,000	137,500	57,500
Escore-Z	-2,833	-2,216	-3,991
Significância assintomática (Bilateral)	0,005	0,027	0,000
Significância exata [2* (Sig. Unilateral)]	0,004 ^b	0,026	0,000

Sig. = significância

Fonte: a autora

Por fim, na comparação entre grupos, para os Esportes, os resultados demonstraram que também existe diferença entre o Handebol e o Voleibol nas subescalas: somática e autoconfiança (Tabela 12). Em relação a diferença, observa-se que o grupo Voleibol apresenta valores superiores para ansiedade somática (Handebol = 10,15 e Voleibol = 20,55), porém na subescala autoconfiança, o grupo Voleibol apresentou valores médios inferiores (Handebol = 17,91 e Voleibol = 7,35). Tais resultados demonstram que o grupo Voleibol apresenta elevada ansiedade somática e baixa autoconfiança, comparado com o grupo Handebol.

Tabela 12: Localização da diferença entre grupos para os grupos Handebol e Voleibol (n=41).

	ansiedade somática	ansiedade cognitiva	autoconfiança
U de Mann-Whitney	19,500	75,500	18,500
Wilcoxon	172,500	228,500	73,500
Escore-Z	-3,317	-,479	-3,372
Significância assintomática (Bilateral)	0,001	0,632	0,001
Significância exata [2* (Sig. Unilateral)]	0,002	0,639	0,000

Sig. = significância

Fonte: a autora

Frente as análises intragrupo, em relação ao Futsal, os resultados demonstraram diferença significativa entre as subescalas (χ^2 (2) = 14,509; $p < 0,001$). Concernente a localização da diferença, utilizou-se como post-hoc o

teste de Wilcoxon e assumiu-se para localização da diferença o valor $p \leq 0,025$ (valor ajustado a correção do sequencial de Bonferroni). Os resultados demonstraram que houve diferença significativa entre a subescala autoconfiança e as subescalas ansiedade somática ($z = -2,890$, $p < 0,004$, $r = -0,77$) e ansiedade cognitiva ($z = -3,192$, $p < 0,001$, $r = -0,85$). Tais resultados demonstram que os atletas de Futsal apresentam valores elevados de autoconfiança e valores baixos de ansiedade.

Para o grupo Handebol, os resultados demonstraram diferença significativa entre as dimensões ($\chi^2 (2) = 11,908$; $p < 0,003$). O Post Hoc demonstrou que houve diferença significativa entre a subescala ansiedade somática e as subescalas ansiedade cognitiva ($z = -2,694$, $p < 0,007$, $r = -0,65$) e autoconfiança ($z = -3,343$, $p < 0,001$, $r = -0,81$). Assim, os resultados demonstram que os atletas do Handebol apresentam baixos valores de ansiedade somática, comparados com os valores de ansiedade cognitiva e autoconfiança, esse último com valores mais elevados.

Por fim, para análise intragrupo, os resultados demonstraram diferença significativa entre as subescalas ($\chi^2 (2) = 14,000$; $p < 0,001$) para os atletas de Voleibol. O post hoc demonstrou que houve diferença significativa entre a subescala autoconfiança e a ansiedade cognitiva ($z = -2,527$, $p < 0,012$, $r = -0,80$) e entre a autoconfiança e a ansiedade somática ($z = -2,810$, $p < 0,005$, $r = -0,89$). Diante de tais resultados, observa-se que os atletas de Voleibol demonstram valores baixos de autoconfiança, comparados com os valores de ansiedade somática e cognitiva.

Em síntese, as análises entre grupos demonstraram que os atletas de Voleibol apresentam baixa autoconfiança e valores superiores de ansiedade (cognitiva e somática) comparado com os atletas dos outros Esportes. Além disso, os atletas de Futsal apresentam autoconfiança superior aos demais atletas. Em relação às análises intragrupo, pode observar que os atletas de Futsal apresentam valores elevados de autoconfiança, corroborando com as análises entre grupos. Somado a isso, o grupo de Voleibol apresenta valores superiores de ansiedade, também corroborando com as análises entre grupos e que os atletas de Handebol apresentam baixa ansiedade somática.

Após as análises utilizando-se o Esporte como critério para formação de grupo, buscou-se as mesmas análises, mas utilizando-se o sexo como critério de separação dos grupos. Assim, os grupos formados foram: Masculino (20 participantes) e Feminino (21 participantes). Referente as análises entre grupos, o teste de U de Mann-Whitney apresentou diferença significativa para as subescalas ansiedade somática e autoconfiança (Tabela 13).

Tabela 13: Comparação entre grupos (masculino e feminino) para as 3 subescalas do CSAI-2R (n=41).

	ansiedade somática	ansiedade cognitiva	autoconfiança
U de Mann-Whitney	127,500	173,500	59,500
Wilcoxon	337,500	383,500	290,500
Escore-Z	-2,165	-0,957	-3,950
Significância assintomática. (Bilateral)	0,030	0,338	0,000
Significância exata [2* (Sig. Unilateral)]	0,030	0,346	0,000

Sig. = significância

Fonte: a autora

Concernente a localização das diferenças, os resultados demonstraram que para ansiedade somática as mulheres apresentam valores superiores aos homens. Em relação a autoconfiança, os homens apresentam valores superiores as mulheres. Tais resultados demonstram que os homens apresentam maior autoconfiança e que as mulheres apresentam ansiedade somática superior.

Frente às análises intragrupo, em relação ao sexo Feminino, os resultados demonstraram diferença significativa entre as subescalas (χ^2 (2) = 0,625; $p = 0,732$). Tais resultados demonstram que as mulheres, independentemente do Esporte, não demonstram diferença entre ansiedade e autoconfiança.

Por fim, para análise intragrupo, em relação aos homens, os resultados demonstram diferença significativa entre as subescalas (χ^2 (2) = 17,377; $p < 0,001$). O post hoc demonstrou que houve diferença significativa entre a subescala autoconfiança e as subescalas ansiedade cognitiva ($z = -3,097$, $p < 0,002$, $r = -0,69$) e ansiedade somática ($z = -3,586$, $p < 0,001$, $r = -0,80$). Diante de tais resultados, observa-se que para os homens, a autoconfiança é a

subescala com valores significantes e que ansiedade somática apresenta os valores mais baixos, seguida da ansiedade cognitiva.

Em síntese, as análises entre grupos demonstraram que os atletas masculinos apresentam valores superiores de autoconfiança e que as mulheres apresentam valores superiores de ansiedade somática. Em relação as análises intragrupo, pode observar que as mulheres não apresentam diferença significativa entre os valores de ansiedade e autoconfiança. Em contrapartida, os homens apresentam valores superiores de autoconfiança, em relação a ansiedade.

5. DISCUSSÃO

Ao iniciar as discussões sobre os objetivos do trabalho, há uma necessidade de discutir os participantes da amostra. De acordo com Thomas, Nelson e Silverman (2012), para que os resultados de uma pesquisa sejam compatíveis com uma generalização, a amostra deve ser escolhida de acordo com o fenômeno estudado, ou seja, os participantes devem ter as respostas para as perguntas suprimindo as informações. Dessa forma, nesse estudo, por se tratar da ansiedade no esporte, os participantes deveriam praticar ao menos uma modalidade esportiva de forma competitiva, o que ocorreu.

Enquanto variável independente, o presente estudo focou a ansiedade, pois a literatura aponta para ansiedade como um dos fatores que influencia os resultados competitivos de atletas (SAMULSKI, 2002; MACHADO, 2006; DE ROSE JUNIOR, 2009; WEINBERG; GOULD, 2017). Ansiedade pode ser considerada uma apreensão momentânea, na qual o indivíduo percebe as condições do ambiente como desfavoráveis e ameaçadoras (WEINBERG; GOULD, 2017; LAVOURA; MACHADO, 2006). Ainda definindo ansiedade, em especial a pré-competitiva, esta pode contribuir e influenciar o rendimento e o comportamento dos atletas (BERTUOL; VALENTINI, 2006). Sendo assim, utilizá-la como variável independente foi pertinente, pois existe direta relação de causa e efeito com o rendimento dos atletas, como supracitado.

Existe uma carência de estudos sobre ansiedade com atletas universitários e no presente estudo, foram selecionados apenas atletas universitários de modalidades coletivas para fazerem parte da amostra. Nesse sentido, os participantes foram escolhidos intencionalmente de acordo com determinados critérios, para que os mesmos pudessem apresentar as informações necessárias para responder ao problema do estudo. Assim, foi utilizada uma amostragem probabilística intencional de participantes (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Quando se fala de ansiedade, deve-se ter a clareza de que a mesma pode ser avaliada enquanto intensidade, que tem relação com o nível de ansiedade, enquanto à frequência, que tem relação com o tempo que os atletas

empregam para perceber a ansiedade e enquanto a direção, que tem relação com a avaliação que os atletas fazem da ansiedade enquanto facilitadora ou dificultadora do desempenho (MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990; COX; MARTENS; RUSSELL, 2003; FERNANDES et al., 2013).

De acordo com Paes et al. (2016), tais dimensões são relevantes para a total compreensão da influência no rendimento esportivo. Além disso, a literatura aponta que os atletas que demonstram menores níveis de ansiedade antes da competição (pré-competitiva), apontam a ansiedade como elemento facilitador do desempenho esportivo (LUNDQVIST; KENTTÄ; RAGLIN, 2011), demonstrando que ao avaliar o nível de ansiedade, é possível tecer sobre a direção da mesma. Todavia, no presente estudo, com o objetivo de responder ao problema de pesquisa, apenas a intensidade foi utilizada, já que havia a intenção de avaliar o nível de ansiedade competitiva para, a partir disso, tecer sobre as implicações dos achados frente à teoria Bioecológica.

Após tecer sobre os participantes e o instrumento, retornar-se aos objetivos do presente estudo. Os objetivos do estudo foram investigar a ansiedade pré-competitiva de atletas universitários antes da estreia no campeonato, bem como comparar a ansiedade pré-competitiva entre diferentes modalidades esportivas coletivas e explicar as diferenças de níveis de ansiedade entre as modalidades esportivas investigadas sob a ótica da Teoria Bioecológica, discute-se os resultados, primeiramente apontando os resultados entre grupos.

Após análise dos resultados percebe-se que o grupo de Voleibol, foi o grupo com maiores valores de ansiedade cognitiva e somática, comparado com os demais grupos. Esse resultado diverge dos resultados encontrados por Silva et al., (2014), nos quais os atletas não apresentaram valores elevados de ansiedade no momento pré-competitivo. Todavia, no presente estudo mesmo atingindo valores superiores de ansiedade a equipe terminou em segundo lugar na classificação geral da competição, o que pode ser compreendido com a interpretação dos atletas frente a ansiedade, ou seja, eles interpretaram a ansiedade como facilitadora do desempenho, corroborando com a literatura (FERNANDES et al., 2013). Relacionando este resultado com a teoria de Bronfenbrenner, os atletas podem ter utilizado de recursos físicos, materiais e

psicossociais para alcançarem o melhor resultado possível diante dos desafios do contexto, no qual, o atleta influencia o ambiente e este também exerce influência no atleta.

O grupo de atletas do Futsal foi o que apresentou maior autoconfiança e possivelmente os atletas mantiveram essa variável em nível ideal para eles durante o campeonato se classificando em segundo lugar o masculino e terceiro lugar o feminino. Assim, os atletas apresentavam recursos frente às demandas ambientais que deram conta de controlar a ansiedade dos atletas e não prejudicar o rendimento deles no decorrer da competição. Talvez isso tenha ocorrido devido ao maior tempo de prática dos atletas de Futsal e assim estarem mais familiarizados com a equipe e com as competições. Como colocado por Bronfenbrenner (1992) não há nenhuma característica pessoal que exerça influência de maneira isolada, assim, cada característica positiva humana é envolvida e encontra seus significados e expressões nos ambientes particulares, como por exemplo, a família. Como produto deve haver um jogo entre estas características psicológicas e o ambiente específico, sendo que uma não pode ser referência para a outra (KREBS et al., 2008). Na dimensão tempo, ocorrem episódios em intervalos amplos de tempo e nas expectativas de mudanças (Bronfenbrenner; Morris, 2006). Esta dimensão é evidenciada na periodicidade dos maus resultados, das lesões, do estresse dos jogos e avaliações negativas. É considerado normal para qualquer atleta sofrer derrotas e se estressar com os jogos e treinamentos, pois isso faz parte da trajetória esportiva. No entanto, o intervalo de tempo ou a duração entre os acontecimentos podem colocar-se como fatores determinantes para o fortalecimento ou enfraquecimento de uma determinada disposição pessoal. É neste ponto em que devem pensar adiante e não apenas na situação atual para ampliar a compreensão de que as características pessoais de um atleta não podem ser entendidas fora do momento histórico em que este se desenvolveu e tampouco das expectativas futuras (KREBS et al., 2008).

Pensando então na autoconfiança elevada dos atletas de Futsal do presente estudo, de acordo com Fernandes et al., (2014), quando os atletas apresentam elevados escores de autoconfiança, geralmente apresentam baixos níveis de ansiedade cognitiva e somática, resultados que corroboram

com o presente estudo. Tais achados entram em consonância com a teoria multidimensional da ansiedade (MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990), demonstrando que elevados escores de autoconfiança levam a baixos escores de ansiedade. Ressaltando a importância destes dados para a Psicologia do Esporte, quando os psicólogos objetivam auxiliar os atletas a controlarem a sua ansiedade pré-competitiva, sugere-se que também seja dada importância no desenvolvimento da autoconfiança dos mesmos (FERNANDES et al., 2013; FERNANDES et al., 2014).

O resultado entre grupos de atletas de Handebol apresentou resultados similares ao Voleibol, mas acabaram em posição menos favorecida (terceiro lugar masculino e quarto lugar feminino), porém os atletas de Handebol apresentaram valores mais elevados de autoconfiança comparados aos atletas de Voleibol. Isso demonstra que durante o campeonato o controle da ansiedade pode ter sofrido influência dos elementos do PPCT (processo, pessoa, contexto e tempo), resultando em uma má interação destes agentes o que talvez comprometessem o rendimento dos atletas. Além disso, pode-se considerar que a Teoria do IZOF (HANIN, 1997; HANIN, 2000) é uma estrutura com objetivo de descrever, explicar e controlar as experiências boas e ruins do atleta relacionadas a desempenhos ruins e bem-sucedidos. Esta abordagem orientada para a ação oferece ferramentas para conceituar e avaliar com precisão experiências subjetivas da situação relacionadas ao desempenho, padrões emocionais relativamente estáveis e experiências para a autorregulação individual. O modelo define o estado biopsicosocial relacionado ao desempenho como uma manifestação situacional e dinâmica do funcionamento humano global. A descrição dos diversos níveis e da situação de estados relacionados ao desempenho inclui pelo menos cinco dimensões subjetivas inter-relacionadas: a forma, o conteúdo, a intensidade, o tempo e contexto. Assim, o modelo Zonas Individuais de Funcionamento Ótimo sugere que cada atleta poderia descobrir sua combinação ideal de emoções úteis e aprender como chegar a esse estado único antes das competições (HANIN, 2000).

Martens et al., (1982), baseando-se numa concepção multidimensional da ansiedade, afirmam que a autoconfiança correlaciona-se negativamente

com a ansiedade cognitiva e somática, entendendo que toda vez que os escores desses dois componentes da ansiedade aumentam, os escores do terceiro componente, a autoconfiança, diminui, corroborando com a literatura (NASCIMENTO JUNIOR et al., 2016; NOGUEIRA, 2016; PAES et al., 2016; BERNARDT; SEHNEM, 2017; HAGAN; POLLMANN; SCHACK, 2017; PONS et al., 2018). Assim, o nível de treinamento e o histórico de vitórias do atleta tendem a aumentar seu grau de confiança, e respectivamente diminuir o grau de ansiedade somática e cognitiva. Em outras palavras, o nível de experiência é considerado um fator que influencia a percepção da ansiedade e, com isso, o aumento da autoconfiança (FERNANDES et al., 2014).

Como as equipes do presente estudo foram compostas por atletas de diferentes tempos de prática e experientes, é cabível especular que os achados corroboram com a literatura, ou seja, a experiência talvez tenha sido um fator determinante para o aumento da autoconfiança e, conseqüentemente, a diminuição da ansiedade (PONS et al., 2018), o que levou os atletas a perceberem a ansiedade como facilitadora do rendimento.

Ao pensar nessa relação pessoa e contexto, relaciona-se ao processo proximal, que é a interação entre a pessoa e o ambiente, principal fator que favorece o desenvolvimento, exerce diferentes influências em função dos contextos e das características pessoais de cada atleta. Pensando assim, nas competências e disfunção do atleta nesta situação, quer dizer que, o quanto ele adquiriu e desenvolveu suas habilidades e por quanto tempo ele conseguiu manter o seu comportamento na direção a situações de desenvolvimento (alcançar o objetivo) (BRONFENBRENNER, 2011).

Os resultados entre os grupos frente à ansiedade pré-competitiva, podem ser explicados pelo elemento Processo do modelo PPCT, o qual há uma necessidade de se sair bem e se adaptar ao contexto da competição com bons resultados, que diferente de outras poderá surgir com novos desafios e adaptações. De acordo com a teoria Bioecológica, a interação entre pessoa e ambiente se dá por meio do modelo PPCT (processo, pessoa, contexto e tempo), o que permite o entendimento da relação integrada e mutável entre as características pessoais e o ambiente no desenvolvimento humano (FORD; LERNER, 1992; BHERING; SARKIS, 2009). Porém, existe uma necessidade

de períodos de tempo de adaptação para o desenvolvimento, alguns indivíduos com necessidades maiores, para tornar a interação estável e duradoura (BRONFENBRENNER, 2011).

Os atletas de voleibol apresentaram maiores valores de ansiedade nos resultados entre grupos em relação aos demais esportes e o Futsal apresentou o maior nível de autoconfiança. Os atletas de handebol também apresentaram valores mais elevados de ansiedade e mais baixos de autoconfiança, porém não supera os níveis mínimos de autoconfiança no voleibol, valores estes que contrariam o estudo de MACHADO et al., (2016), no qual os atletas em geral não apresentaram níveis elevados de ansiedade pré-competitiva, mas nota-se que os atletas do sexo masculino demonstraram níveis mais elevados de autoconfiança do que as atletas femininas. Divergindo deste estudo supracitado, no estudo de BARBACENA (2008) com atletas de natação, observou-se que as mulheres apresentaram tendência a serem mais ansiosas em relação aos homens. Talvez, como hipótese ao fato ocorrido seja à percepção de autoconfiança que influenciou a conduta do atleta, que se percebe capaz em executar as atividades. Os atletas do sexo masculino tendem a se auto avaliar a respeito de suas capacidades de maneira mais positiva em relação às mulheres atletas (FELTZ et al., 2008).

As interações da pessoa e do contexto foram submetidas à duração significativa de tempo no período em que os participantes treinavam, estimulando modificações duradouras no atleta (BRONFENBRENNER, 2011). Em outras palavras, a necessidade de tempo de treinamentos e interação da equipe fez com que o atleta a buscasse melhores resultados no processo de desenvolvimento do campeonato. Ainda em relação ao processo e evolução no campeonato, pode-se compreender os resultados do estudo dentro do PPCT, também, utilizando-se dos processos proximais para tal compreensão.

Os processos proximais são o motor do desenvolvimento e ocorrem de forma progressiva ao longo do tempo, dependendo da interação entre pessoa e contexto, ou seja, o conjunto de ações que a pessoa tem frente a eventos e situações nos quais se envolve ao longo do processo (BHERING; SARKIS, 2009; FONTES; BRANDÃO, 2013). Sugere-se que com os resultados do presente estudo os atletas apresentaram interação com as adversidades do

contexto. Assim, as atividades do processo devem se modificar de acordo com a evolução do indivíduo no contexto e não apenas serem repetidas, mas que exerçam níveis de estímulos diferentes nas pessoas.

Além disso, o engajamento dos atletas em atividades contínuas durante certo período de tempo, neste caso, as rotinas de treinamento na Universidade, talvez tenham contribuído para o fortalecimento dos processos proximais, sempre estimulando diferentes formas de atividades e situações no contexto (BHERING; SARKIS, 2009). Entretanto, como hipótese, isso pode ter acontecido porque os atletas se colocaram frente a atividades com níveis de complexidade maiores, ou seja, saíram de uma rotina cultural de treino para uma rotina mais complexa e intensa de treinos para a competição.

De acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998), os processos proximais podem direcionar ao desenvolvimento da competência e da disfunção. Sobre a competência, os resultados do presente estudo sugerem que os atletas adquiriram e desenvolveram habilidades durante o campeonato que auxiliaram nos resultados finais. Já a disfunção, os resultados sugerem que os atletas tentaram melhorar os níveis de autoconfiança durante a competição, mesmo não sendo campeões, ou seja, conseguiram melhorar o comportamento aprendido e a integração desse comportamento com as diferentes situações simples e complexas (própria equipe, equipe adversária e competição). Relacionando estes dados acima descritos com a Teoria Multidimensional de Ansiedade, esta não sustenta as influências apenas no desempenho, mas a ansiedade pode ser manifestada de como o indivíduo será avaliado e o as características fisiológicas (LIEBERT; MORRIS, 1967; MARTENS et al., 1990).

Ao pensar nos atributos dos atletas, enquanto disposição, recursos e demandas, os resultados do presente estudo demonstraram que os atletas tiveram habilidades para controlar a ansiedade pré-competitiva e alcançar boa colocação final na competição, utilizando os recursos possíveis naquele contexto e naquele tempo. A característica que mais se destacou nos atletas de Futsal do presente estudo foi a autoconfiança para superação dos elevados níveis de ansiedade pré-competitiva. Além disso, as características de ansiedade elevada dos atletas de Voleibol e Handebol neste estudo mostraram-se pouco limitantes e possível de serem superadas durante a

competição mesmo com as adversidades do novo contexto, situações estas que foram enfrentadas ao longo competição, corroborando com os resultados na literatura (FONTES; BRANDÃO, 2013, MACHADO et al., 2016). Assim, relacionando os resultados do presente estudo e a teoria do IZOF, cada atleta deve encontrar seu ponto ideal de ansiedade para trabalhar no seu melhor nível de desempenho.

Refletindo os dados da ansiedade desta pesquisa, pode-se pensar na autoconfiança de acordo com a Teoria Multidimensional da Ansiedade, que associa aos indivíduos que apresentam valores elevados de autoconfiança, os escores de ansiedade cognitiva e somática se apresentam baixos. Portanto, esses achados são importantes para possíveis intervenções dos psicólogos do esporte e técnicos junto aos, pensando-se em auxiliar o atleta frente ao controle de ansiedade, traçar estratégias para aumentar a autoconfiança, já que a mesma apresenta-se como um fator que diminuiu a ansiedade (MARTENS et al., 1990). Os recursos pessoais podem assumir um papel importante na interação para fortalecer ou enfraquecer determinadas disposições pessoais, seja ela positiva ou negativa, ou seja, quando se têm a disposição pessoal para reorganizar ações quando estas não estão surtindo o efeito desejado numa determinada atividade, será necessário um conjunto de recursos pertinentes a ela (FONTES; BRANDÃO, 2013).

De acordo com a teoria, o contexto influencia os efeitos no desenvolvimento dos processos proximais, assim, as diferentes habilidades geram disfunções no desenvolvimento. Os efeitos do desenvolvimento podem variar de acordo com o contexto (BHERING; SARKIS, 2009). Todavia, os processos proximais podem reduzir as diferenças ambientais, exercendo mais efeitos em pessoas que estão em ambientes mais estáveis em função do conteúdo e das características das pessoas (BRONFENBRENNER, 2011).

Bronfenbrenner (1993) aponta três tipos de atributos como as disposições ativas, os recursos e as demandas que funcionam como instigadoras de desenvolvimento. Estas não evocam reações do ambiente, mas a responsabilidade da pessoa diante ao novo desafio/contexto. Vale ressaltar que estas características não determinam o trajeto do desenvolvimento, pois os efeitos são dependentes do funcionamento do sistema de um modo global,

mas são estas que determinam a maneira pela qual o indivíduo se relacionará com o ambiente e as pessoas nele inseridas (BHERING; SARKIS, 2009).

Os resultados intragrupo demonstraram que os atletas de Futsal foram mais autoconfiantes, porém com baixos valores de ansiedade, corroborando com os estudos de Machado et al., (2016), pois os indivíduos que apresentam maior autoconfiança conseguem apresentar valores menores de ansiedade cognitiva e somática (MARTENS et al., 1990). Já no Handebol os atletas apresentaram valores mais baixos de ansiedade somática comparado às variáveis de autoconfiança e ansiedade cognitiva. Talvez os atletas do Futsal se sentem mais autoconfiantes devido a cultura de maior incentivo a esta modalidade. E por fim os atletas de Voleibol apresentaram os menores valores de autoconfiança comparado aos níveis de ansiedade. Assim, pode-se refletir que as individualidades dos atletas são muito importantes a serem consideradas ao analisarmos os dados, pois, em um mesmo contexto competitivo os atletas da mesma instituição de ensino e nas diversas modalidades apresentam situações de enfrentamento e adaptação diferentes entre si, levando em conta os elementos do PPCT, principalmente a pessoa e o tempo.

O desenvolvimento das competências pode ser considerado adequado para a adaptação dos atletas, pois as disfunções parecem não ter comprometido os atletas na adaptação ao campeonato, ou seja, o atleta teve que trabalhar mais as habilidades diante da ansiedade para manter o comportamento aprendido frente ao campeonato, mesmo que nenhuma equipe avaliada deste estudo ter sido consagrada campeã.

Ainda referente ao elemento Pessoa, as características individuais dos atletas podem influenciar diretamente o desenvolvimento da performance dos atletas no campeonato, afetando os processos proximais, sendo chamadas então de características instigadoras de desenvolvimento (BHERING; SARKIS, 2009; KREBS et al., 2008, 2011). Dessa maneira, a busca constante em melhorar a performance para ser campeão e toda interação da equipe sofreram influência das disposições pessoais que se referem às características de personalidade da pessoa, associadas à mediação de outras pessoas e à exposição em um novo Contexto. Concernente as competências, os estudos

sugerem que a experiência e maior participação em jogos podem ser fatores positivos, já que os recursos são entendidos como características relacionadas a habilidades, conhecimento e experiência desenvolvidas ao longo do tempo (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Seria importante, como complemento desta pesquisa avaliar o número de competições que a equipe participa ao longo do ano e a experiência de jogo dos atletas. Talvez com estes dados seja possível traçar um perfil mais específico dos atletas para avaliar a ansiedade de acordo com a frequência, intensidade e duração.

O ambiente em que o atleta está inserido é importante para compreensão de seu desenvolvimento humano. Esse ambiente é entendido por Contexto, de acordo com a teoria Bioecológica (BRONFENBRENNER, 1979). Pensando nesta descrição associada a pesquisa, o atleta seria a pessoa inserida no microssistema, no qual exerce padrões de atividades e papéis sociais vivenciados por ele que está em desenvolvimento. Já os treinamentos e campeonatos comporiam o mesossistema, estes compondo os ambientes que a pessoa frequenta ao longo da vida, proporcionando assim fatores positivos ao desenvolvimento ou fatores inibidores de desenvolvimento, associado as relações com terceiros entre os microssistemas (BRONFENBRENNER, 1992; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Com os resultados do presente estudo, pode-se compreender que o microssistema influenciou e foi influenciado no desenvolvimento. Enquanto as influências do mesossistema também sofrem influência do atleta que ali está inserido, essa via de mão dupla do desenvolvimento acontece associando a pessoa, o processo, o contexto e o tempo no desenvolvimento do ser humano, no caso o atleta.

De acordo com Bronfenbrenner (1979), o desenvolvimento também é influenciado por outros sistemas, ou níveis de contexto, como por exemplo, a competição em outras cidades, a viagem ao sair para competir no campo do adversário, a torcida adversária e o adversário. As conexões entre os mesossistemas levam as pessoas a entrarem em diferentes contextos, influenciando o desenvolvimento da pessoa e levando-a se engajar de forma diferente em novas atividades e estruturas sociais.

Quando pensamos em exossistemas, este pode também influenciar o desenvolvimento do atleta, ao pensar que a pessoa não precisa estar no

contexto para sofrer influência, ou seja, uma interação de pelo menos dois ambientes no qual um deles a pessoa não está inserida será modificado, ou influenciado. Durante o campeonato, por exemplo, outro jogo que a pessoa não esteja participando poderá influenciar ou sofrer influência de acordo com o exossistema (BRONFENBRENNER, 2011). Dessa forma os resultados obtidos pela própria equipe e das equipes adversárias influenciam no resultado final.

Por fim, o Macrossistema levará em conta as características culturais, a religião, as oportunidades, os recursos, os sistemas de crenças e estilos de vida de outros contextos sociais (BRONFENBRENNER, 2011; FONTES; BRANDÃO, 2013). Nesse caso, este sistema englobará todo o conteúdo do indivíduo e do sistema inserido para o seu desenvolvimento.

O grupo de atletas avaliados nesta pesquisa demonstraram que estes sofreram a pressão de estar jogando fora de casa, do espaço de treinamento e jogos, mas possivelmente criaram estratégias de adaptação na busca de melhores resultados envolvidos nos diversos sistemas. Além disso, os resultados sugerem que o desempenho dos atletas teve grande influência no resultado da equipe, sugerindo que a coesão de grupo foram mais relevante para o atleta do que os desafios durante a competição. Em contrapartida, tem como hipótese que o comportamento do técnico e dos próprios atletas influenciou positivamente o resultado onde os atletas demonstraram que o trabalho em equipe e as habilidades para superação da ansiedade pré-competitiva foi fundamental para o processo de adaptação e evolução da equipe na competição.

No modelo PPCT o último elemento é o Tempo, que pode ser entendido como as mudanças e estabilidades das características biopsicológicas através das gerações e do tempo (BRONFENBRENNER, 2011). Santos (2006) ressalta que o Tempo deve ser estudado a partir de um ponto de vista histórico evolutivo, levando em consideração tanto o processo proximal que determina o desenvolvimento ao longo do tempo, quanto o processo histórico que envolve a pessoa e o ambiente. Então deve ser pensado o atleta em todo seu tempo de carreira e contexto histórico no esporte, como o tempo de prática esportiva, a familiaridade com o esporte, número de competições já participadas entre outros. Dentro desse elemento, as transições impulsionam o desenvolvimento

do atleta, afetando os processos, principalmente os familiares e o contexto escolar que estes atletas estão inseridos e são exigidos (TERTULIANO, 2016).

Pensando no microtempo desta pesquisa, ele está diretamente relacionado à competição e o mesotempo está relacionado com o nível de ansiedade pré-competitiva e o macrotempo com a mudança de comportamento dos atletas ao competirem fora de casa. Enquanto microtempo sugerem que houve mudança de comportamento (atletas apresentaram bons resultados mesmo tendo níveis elevados de ansiedade pré-competição). Isso talvez tenha ocorrido, pois houve a inserção do desafio para o atleta de ter que controlar a ansiedade, que contribuiu para superar os desafios no novo ambiente de competição, levando-o a um nível mais complexo de interação, comparado ao nível em que ele se encontrava nos treinamentos e competições internas na IES. Assim o principal fato que deve ocorrer para que os atletas apresentem bons resultados é conseguir manter sua ansiedade em nível ideal (individualizado) conseguindo assim trabalhar dentro de sua zona ótima de ansiedade (BERTUOL; VALENTINI, 2006).

Além disso, mesmo conseguindo criar fatores para superar os altos níveis de ansiedade, a sua evolução foi modificada pela vontade de conquistar o campeonato. Essa situação demonstra descontinuidade de episódios no processo proximal, ou seja, mudança no desenvolvimento da pessoa (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Por fim, no macrotempo, os atletas tiveram que criar estratégias e habilidades individuais e de grupo em função das adaptações que sofreram durante o campeonato. De acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998), o macrotempo foca nas expectativas e situações de mudança. Nessa perspectiva, os atletas mais novos podem ter sofrido influência dos atletas que participam de competições há mais tempo. Essa informação reflete que a propriedade tempo, especificamente o macrotempo, se faz presente na evolução do atleta no esporte.

Por fim, ao comparar os resultados em relação ao gênero esta pesquisa apresentou resultados elevados de ansiedade somática em mulheres e autoconfiança elevada nos homens, corroborando com o estudo realizado por Vieira et al.; (2011) e De Rose Jr e Vasconcellos (1997), ao comparar a ansiedade dos atletas de atletismo e voleibol. Talvez estes resultados

ocorreram devido a maior exposição dos homens a diversas situações de enfrentamento e por se sentirem mais autconfiantes. Outro estudo que também corrobora com esta pesquisa é o estudo de Lavoura, Botura e Machado, (2006) com atletas de canoagem em que o gênero feminino apresentava um nível de ansiedade somática e cognitiva maior que o gênero masculino e estas diferenças influenciaram de modo significativo no desempenho dos atletas. Já no estudo de Bertuol e Valentinni (2006), não houve diferença dos níveis de ansiedade dos atletas em relação ao gênero. Em outro estudo de Ozaki; Arantes (2012), os homens estavam mais susceptíveis nas situações mais adversas, e as mulheres apresentaram melhor controle dos fatores estressores na ansiedade se tornando mais confiante em realizar as atividades.

As mulheres provavelmente procuram situações para fortalecer sua autoconfiança na equipe o que talvez ela sofresse mais se participasse de modalidades individuais que ela não poderia contar com os colegas da equipe, confirmando isto no estudo de Nascimento Junior et al., (2016) no qual as mulheres buscaram na coesão grupal uma fonte de controle dos efeitos fisiológicos da ansiedade e os homens utilizam da coesão grupal para controlarem a autoconfiança.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os objetivos do presente estudo, pode-se considerar que os atletas apresentaram níveis de ansiedade elevados, porém os homens se sentem mais autoconfiantes e as mulheres utilizaram diferentes recursos que variaram de acordo com as demandas dos jogos. O sexo masculino apresentou maior autoconfiança e o sexo feminino maior ansiedade somática que está relacionada às mudanças na ativação antes da competição. Somado a isso, os atletas demonstraram boa adaptação aos diferentes contextos, como jogos com diversas equipes em uma cidade diferente (fora de casa), demonstrando desenvolvimento dos recursos pessoais relacionados à demanda do contexto. Diante disso, a adaptação do atleta perante diferentes microssistemas foi adequada no presente estudo, pois o atleta apresentou adaptação favorável frente às diferentes adversidades que os sistemas impuseram ao atleta.

Os resultados sugerem que os atletas universitários se adaptaram de forma adequada, pois superaram as demandas impostas pelo contexto, nas quais as adversidades do ambiente não foram suficientes para atrapalhar a adaptação dos atletas e essa adaptação quando acontece tem grande influência interna no atleta, que apresenta uma evolução de acordo com suas relações pessoais e ambientais (GIBSON, 1979).

Os atletas avaliados mostraram possuir recursos pessoais e socioculturais importantes e não só puderam responder com sucesso frente às adversidades do esporte, mas desenvolveram recursos durante o campeonato que lhes permitiram responder com êxito frente as adversidade do campeonato. Embora os atletas deste estudo terem respondido as questões de uma forma prospectiva, uma vez que ainda não estavam na competição em si, foram capazes de discorrer sobre como estavam os níveis de ansiedade naquele momento antes da competição. No entanto, cabe aqui uma ressalva de que é difícil concluir através deste estudo se os atletas trabalharam a ansiedade a partir do enfrentamento de experiências adversas na competição ou se conseguiram enfrentar de forma positiva as instabilidades por serem resilientes e hábeis, associando assim aos recursos da pessoa dentro da teoria

Bioecológica. Um estudo longitudinal talvez respondesse melhor a essa questão ao pesquisar a ansiedade pré-competitiva dos atletas antes, durante e após a competição.

Dessa maneira, utilizando-se da teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano para explicação dos resultados encontrados, o presente estudo demonstrou que os atletas controlaram a ansiedade com o intuito de alcançar melhores resultados na competição. Além disso, esse melhor resultado pode ter contribuído com melhores níveis de ansiedade, resultando em novas oportunidades de amadurecimento diante de novos desafios e competições. Assim, não tem sentido usar a teoria se não sem considerar as influências e as inter-relações entre os elementos do PPCT (ROTHER; MEJIA, 2015). Esse conjunto de resultados demonstra que os atletas buscam superar suas características pessoais nos diversos contextos associado aos outros elementos do PPCT para assim conseguir alcançar bons resultados.

Essa evolução se dá por interações cada vez mais complexas e elaboradas, contribuindo para a aquisição de melhores recursos para suportar as demandas ambientais. Assim, percebe-se que mesmo não sendo atletas profissionais estes devem manter um ritmo de treinamento e participar de diversos níveis de competição, conseguindo assim trabalhar melhor as habilidades individuais e do grupo nos mais diversos contextos. É importante que se estabeleça modelos de treinamentos que possibilitem os técnicos trabalharem com seus atletas nos diversos contextos e estímulos em que o atleta fortaleça suas habilidades físicas, psicológicas e consiga controlar estes fatores nos mais diversos momentos, principalmente na competição.

Visto que o esporte apresenta uma complexidade de fatores interferentes ao longo dos treinamentos e competições dos atletas, a busca de um paradigma que possa entender a complexidade desse fenômeno deve ser realizada analisando todas as características biológicas, físicas e psicossociais que interagem entre si e no ambiente, assim, a literatura investigada apresentou a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano como proposta que atende às necessidades desse cenário (ROTHER; MEJIA, 2015).

Há uma limitação de produção de artigos que utilizam a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, apenas quatro trabalhos no ano da

pesquisa de revisão realizada, ao mesmo tempo em que uma amostragem composta por apenas quatro trabalhos pode ser considerada um fator limitante a esta investigação, também devemos considerar que todas as produções selecionadas são recentes, datadas de 2008 a 2014, o que confirma a Teoria Bioecológica como um modelo de pesquisa no esporte muito novo e atual (ROTHER; MEJIA, 2015).

Pensando no esporte de acordo com a teoria Bioecológica, este pode ser classificado como um ambiente, ou um sistema, no qual ocorrem processos proximais ao longo do tempo e que são causadores do desenvolvimento da pessoa apresentando características próprias que facilitam, dificultam ou impedem que o desenvolvimento ocorra. Por levar em conta estes aspectos, o modelo PPCT da teoria Bioecológica apresenta-se como um modelo adequado à investigação no esporte. Além disso, por ter uma ótica que contempla aspectos multidimensionais traz conhecimentos inovadores para o meio científico e serve como ferramenta de apoio para os estudos no esporte. Assim, entender o esporte e suas restrições, enquanto sistemas internos e externos podem ter grande contribuição da teoria Bioecológica, pois se deve assumir o esporte como algo em constante mudança, onde os envolvidos buscam sempre evolução mediante interação com o ambiente (TERTULIANO, 2016).

O estudo apresentou algumas limitações, nas quais novos estudos devem ser realizados de maneira a acrescentar conteúdos a esta pesquisa, como por exemplo a ansiedade ter sido analisada neste estudo apenas levando em conta a intensidade, sem avaliar a frequência e direção. Foi realizada uma análise dos atletas apenas no período da pré-competição e talvez um acompanhamento com um estudo longitudinal durante e após o campeonato seja interessante para comparação da ansiedade em diferentes fases. Outra limitação foi em relação à amostra, que foi pequena devido à escolha em pesquisar apenas atletas universitários de modalidades coletivas e assim dificultou a extrapolação dos resultados e possíveis avaliações complementares em relação a liderança da equipe.

Há também o fato que os investigadores devem estar conscientes para as possíveis dificuldades e limitações quanto à comparação de atletas praticantes de diferentes modalidades individuais ou coletivas, provenientes de

diferentes culturas. Por outro lado, devemos ainda considerar que cada atleta constitui uma realidade própria demonstrando sua individualidade sem que haja padrões de resposta e respectiva categorização. E por fim, há uma dificuldade na disponibilidade de treinadores e atletas para responderem os questionários, sendo também um fator limitante da pesquisa. Assim, outras pesquisas devem ser realizadas também em modalidades individuais e com outras equipes de diversas universidades para acrescentar informações e para fortalecer o embasamento da Teoria com o contexto esportivo, proporcionando assim uma maior possibilidade de análise de dados global do contexto e da pessoa.

Aos psicólogos do esporte e técnico das equipes, alguns autores como Becker e Samulski (1998), Gomes e Cruz (2001) sugerem diversas técnicas de preparação mental como forma de controlar a ansiedade dos atletas, conseguindo assim em situações reais de competição controlar e trabalharem o seu nível ideal de ansiedade. Há diversas técnicas a serem trabalhadas como as técnicas de visualização, por exemplo, que consiste em imaginar a situação e ações de jogo diversas vezes, proporcionando que o atleta vivencie a emoção do ambiente e já consiga enfrentar mentalmente situações importantes de jogo. A aplicação dessas técnicas pode ser feita pelo próprio treinador, desde que tenha orientação de um psicólogo do esporte para realização do procedimento, e deve passar a fazer parte do programa de treinamento, juntamente com o treino físico e técnico (BECKER; SAMULSKI, 1998).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, L. O. B. A. **As manifestações do desporto universitário paranaense no período 1975-1993**. Curitiba. (Monografia) Universidade do Esporte. 2003.
- ANSHEL, M. H.; ANDERSON, D. I. Coping with acute stress in sport: Linking athletes' coping style, coping strategies, affect, and motor performance. **Anxiety, Stress and Coping: An International Journal**, 15, p.193-209, 2002.
- BARBACENA, M. M.; GRISI, R. N. F. Nível de ansiedade pré-competitiva em atletas de natação. **Conexões**. v.6, p.31-39, 2008.
- BARRETO, P. M. **Perfil de estado de humor, ansiedade-traço e ansiedade-estado em jovens ginastas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2017.
- BECKER JUNIOR, B.; SAMULSKI, D. **Manual de treinamento psicológico para o esporte**. 1ª ed. Feevale, Porto Alegre: Edelbra, 1998.
- BENETTI, I. C.; VIEIRA, M. L.; CREPALDI, M. A.; SCHNEIDER, D. R. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, Medellín, v. 9, n. 16, p. 89–99, 2013.
- BERNARDT, A. M.; SEHNEM, S. B. Ansiedade Pré-Competitiva e autoconfiança em modalidade de esporte coletivo. **Pesquisa em Psicologia: anais eletrônicos**, p. 37–44, 2017.
- BERTUOL, I.; VALENTINI, N. C. Ansiedade competitiva de adolescentes: Gênero, Maturação, Nível de experiência e Modalidades esportivas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, vol. 17, n. 1, p. 65-74, 2006.
- BHERING, E.; SARKIS, A. Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil. **Horizontes**, Itatiba, v. 27, n. 2, p. 7–20, 2009.
- BOAS, M. S. V.; COELHO, R. W.; VIEIRA, L. F.; FONSECA, P. H. S.; KUCZYNSKI, K. M.; BOAS, A. G. B. V. Análise do nível de ansiedade de jovens atletas da Modalidade de Futsal. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 10, n. 3, p. 77–86, 2012.
- BOCCHINI, D.; MARIMOTO, L.; REZENDE, D.; CAVINATO, G.; LUZ, L. M. R. Análise do tipo de ansiedade entre jogadores titulares e reservas do futsal. **Conexões**. v.6, ed especial, p.522-532, 2008.

BRANDÃO, M. R. F. **A psicologia do exercício e do esporte e seus desafios para o milênio**. In: Coleção psicologia do esporte e do exercício: Teoria e aplicação. Atheneu, p.143-157, São Paulo, 2007.

BRASIL. **Política Nacional do Esporte**. Brasília, 2005.

BRASIL. Decreto nº 7984, de 8 de Abril de 2013. **Regulamenta a Lei nº 9.615**, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. Disponível em:

< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2013/decreto/D7984.htm>. Acesso em: 26 ago. 2017.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development: Experiments by nature and design**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of cognitive development: Research models and fugitive findings**. In: Development in context: Acting and thinking in specific environments, p. 3-44, 1993.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano: Tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Ed.). **Handbook of child psychology: Theoretical models of human development**. New York: John Wiley, v.1, p. 993–1028, 1998.

BUCKWORTH, J.; DISHMAN, R. K.; O'CONNOR, P. J.; TOMPOROWSKI, P. D. **Exercise Psychology**, 2 ed. 2002.

COELHO, E.; VASCONECLOS-RAPOSO, J.; FERNANDES, H. M. Análise factorial confirmatória da versão portuguesa do CSAI-2. **Motricidade**, v.3, n.3, p.73-82, 2007.

CORRÊA, W. H. Basquete sobre rodas: Análise da ansiedade pré-competitiva. **Revista da SOBAMA**, v.17, n.2, p.31-36, 2016.

COSTA, V. T.; FERREIRA, R. M.; PENNA, E. M.; SAMULSKI, D. .; MORAES, L. C. C. A. Comparação dos níveis de estresse, recuperação e burnout em treinadores de futsal e futebol brasileiros através do RESTQ-COACH. **Motricidade**, v. 8, n.6, p. 937–945, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/resumen.oa?id=273023568118>>.

COUTO, M. C. P. P. **Fatores de risco e de proteção na promoção de resiliência no envelhecimento**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2007.

COX, R. H.; RUSSELL, W. D. Development of a CSAI-2 short forma for assessing competitive state anxiety during and immediately prior to competition. **Journal of Sport Behavior**, v.25, n.4, p.519-533, 1998.

COX, R. H.; MARTENS, M. P.; RUSSELL, W. D. Measuring Anxiety in Athletics: The Revised Competitive State Anxiety Inventory-2. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 25, n. 4, p. 519-533, 2003. Disponível em: <<http://journals.humankinetics.com/doi/10.1123/jsep.25.4.519>>.

CRAFT, L. L.; MAGYAR, M. T.; BECKER, B. J.; FELTZ, D. L. The relationship between the competitive state anxiety inventory-2 and sport performance: a meta-analysis. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v.25, p.44-65, 2003.

De ROSE JUNIOR, D. O Esporte e a psicologia enfoque profissional do Esporte. In: **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.29-30. 2000.

DE ROSE JUNIOR, D. Esporte, competição e estresse: implicações na infância e na adolescência. In: DE ROSE JÚNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, p. 103-114, 2009.

DIAS, C. S. **Do stress e ansiedade às emoções no desporto: Da importância da sua compreensão à necessidade da sua gestão**. Tese (doutorado). Universidade do Minho, Portugal, 2005.

ELIAS, Norbert. A génese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N. e DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, p.187-219, 1992.

FELTZ, D. L.; SHORT, S. E.; SULLIVAN, P. J. Self-efficacy in sport: reserch and strategies for working with athletes, teams, and coaches. **Journal of Sport Science Coach**. v.3, p.293-295, 2008.

FERNANDES, M. G.; VASCONCELOS-RAPOSO, J.; FERNANDES, H. M. Relação entre orientações motivacionais, ansiedade e autoconfiança, e bem-estar subjetivo em atletas brasileiros. **Motricidade**. v.18, n.3, p.4-18, 2012.

FERNANDES, M. G.; VASCONCELOS-RAPOSO, J.; FERNANDES, H. M. Propriedades Psicométricas do CSAI-2 em Atletas Brasileiros. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, n. 4, p. 679-687, 2012.

FERNANDES, M. G.; NUNES, S.; VASCONCELOS-RAPOSO, J.; FERNANDES, H. M. Factors influencing competitive anxiety in Brazilian athletes. **Brazilian Jpurnal of Kinanthropometry and Human Performance**. v.6, p.705-714, 2013.

FERNANDES, M. G.; NUNES, S. A. N.; VASCONCELOS-RAPOSO, J.; FERNANDES, H. M. Efeitos da experiência nas dimensões de intensidade, direção e frequência da ansiedade e autoconfiança competitiva: Um estudo em

atletas de desportos individuais e coletivos. **Motricidade**. v.10, n.2, p.81-89, 2014. BARRETO, P. M. **Perfil de estado de humor, ansiedade-traço e ansiedade-estado em jovens ginastas**. 2017. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2017.

BENETTI, I. C.; VIEIRA, M. L.; CREPALDI, M. A.; SCHNEIDER, D. R. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, v. 9, n. 16, p. 89–99, 2013.

BERNARDT, A. M.; SEHNEM, S. B. Ansiedade Pré-Competitiva e autoconfiança em modalidade de esporte coletivo. **Pesquisa em Psicologia: anais eletrônicos**, p. 37–44, 2017.

BHERING, E.; SARKIS, A. Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil. **Horizontes**, v. 27, n. 2, p. 7–20, 2009.

BOAS, M. S. V.; COELHO, R. W.; VIEIRA, L. F.; FONSECA, P. H. S.; KUCZYNSKI, K. M.; BOAS, A. G. B. V. Análise do nível de ansiedade de jovens atletas da Modalidade de Futsal. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 10, n. 3, p. 77–86, 2012.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development: Experiments by nature and design**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano: Tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Ed.). **Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development**. New York: John Wiley, 1998. p. 993–1028.

COSTA, V. T.; FERREIRA, R. M.; PENNA, E. M.; SAMULSKI, D. .; MORAES, L. C. C. A. Comparação dos níveis de estresse, recuperação e burnout em treinadores de futsal e futebol brasileiros através do RESTQ-COACH. **Motricidade**, v. 8, n. Supl. 2, p. 937–945, 2012.

COX, R. H.; MARTENS, M. P.; RUSSELL, W. D. Measuring Anxiety in Athletics: The Revised Competitive State Anxiety Inventory–2. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 25, n. 4, p. 519–533, 2003.

DE ROSE JUNIOR, D. Esporte, competição e estresse: implicações na infância e na adolescência. In: DE ROSE JÚNIOR, D. (Ed.). **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2009. p. 103–114.

FERNANDES, M. G.; NUNES, S. A. N.; VASCONCELOS-RAPOSO, J.; FERNANDES, H. M. Factors influencing competitive anxiety in Brazilian athletes. **Brazilian Journal of Kinanthropometry and Human Performance**, v. 15, n. 6, p. 705–715, 2013.

FERNANDES, M. G.; NUNES, S. A. N.; VASCONCELOS-RAPOSO, J.; FERNANDES, H. M. Efeitos da experiência nas dimensões de intensidade, direção e frequência da ansiedade e autoconfiança competitiva: Um estudo em atletas de desportos individuais e coletivos. **Motricidade**, v. 10, n. 2, p. 81–89, 2014.

FERNANDES, M. G.; VASCONCELOS-RAPOSO, J.; FERNANDES, H. M. Propriedades Psicométricas do CSAI-2 em Atletas Brasileiros. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, n. 4, p. 679–687, 2012.

FIELD, A. **Descobrimos a estatística usando o SPSS**. [s.l.: s.n.]

GIBSON, J. K. J. **The ecological approach to visual perception**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1979.

GREEN, S. B.; SALKIND, N. J.; AKEY, T. M. **Using SPSS for windows: analyzing and understanding data**. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 2000.

GUEDES, T. A.; MARTINS, A. B. T.; ACORSI, C. R. L.; JANEIRO, V. Estatística descritiva. In: GUEDES, T. A.; MARTINS, A. B. T.; ACORSI, C. R. L.; JANEIRO, V. (Ed.). **Projeto de ensino aprender fazendo estatística**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2005. p. 1–49.

HAGAN, J. E.; POLLMANN, D.; SCHACK, T. Interaction between gender and skill on competitive state anxiety using the time-to-event paradigm: What roles do intensity, direction, and frequency dimensions play? **Frontiers in Psychology**, v. 8, p. 1–13, 2017.

IIZUKA, C.A.; DANTAS, L.E.P.B.T.; MACHADO, A.A.; MARINOVIC, W. Controle da ansiedade em mesa-tenistas e a sua relação com o desempenho esportivo. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v. 4, n. 4, p. 127-135, 2005.

INTERDONATO, G. C.; OLIVEIRA, A. R.; LUIZ JUNIOR, C. C.; GREGUOL, M. Análise da ansiedade de traço competitiva em jovens atletas. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 8, n. 3, p. 1–9, 2010.

LUNDQVIST, C.; KENTTÄ, G.; RAGLIN, J. S. Directional anxiety responses in elite and sub-elite young athletes: intensity of anxiety symptoms matters. **Scandinavian journal of medicine & science in sports**, v. 21, n. 6, p. 853–862, 2011.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MACHADO, A. A.; ARAÚJO, D. Contexto esportivo e as restrições comportamentais: reflexões a luz da Psicologia Bioecológica. **Motriz**, v. 16, n. 2, p. 432–439, 2010.

MARTENS, R.; VEALEY, K. S.; BURTON, A. **Competitive anxiety in sports**.

Champaign: Human Kinetics, 1990.

NASCIMENTO, C. F.; BAHIANA, F. F.; NUNES-JUNIOR, C. P. A ansiedade em atletas de ginástica artística em períodos de pré-competição e competição. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício**, v. 11, n. 2, p. 73–80, 2012.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; BALBIM, G. M.; VISSOCI, J. R. N.; MOREIRA, C. R.; PASSOS, P. C. B.; VIEIRA, L. F. Análise das relações entre ansiedade estado e coesão de atletas de handebol. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 18, n. 2, p. 89–102, 2016.

NOGUEIRA, F. C. A. **Crença de auto eficácia e ansiedade em atletas de Voleibol**. 2016. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

PAES, M. J.; MACHADO, T. A.; BERBETZ, S. R.; STEFANELLO, J. M. F. Frequência, intensidade e direção da ansiedade e sua relação com a coesão grupal em uma equipe de voleibol infanto-juvenil masculina. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 6, n. 3, p. 46–56, 2016.

PAGANO, M.; GAUVREAU, K. **Princípios de Bioestatística**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

PONS, J.; VILADRICH, C.; RAMIS, Y.; POLMAN, R. The Mediating Role of Coping between Competitive Anxiety and Sport Commitment in Adolescent Athletes. **The Spanish journal of psychology**, v. 21, p. E7, 2018.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte**. Barueri: Manole, 2002.

TEIXEIRA, K. C.; NUNES, C. H. S. da S.; CRUZ, R. M. Estudos psicométricos de instrumentos de ansiedade no contexto esportivo: uma revisão sistemática. **Revista Avaliação Psicológica**, v. 15, n. 3, p. 362–370, 2016.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2012.

TORMAN, V. B. L.; COSTER, R.; RIBOLDI, J. Normalidade de variáveis: métodos de verificação e comparação de alguns testes não-paramétricos por simulação. **Revista HCPA**, v. 32, n. 2, p. 227–234, 2012.

TURVEY, M. T. Preliminaries to theory of action with reference to vision. In: GIBSON, J. J. (Ed.). **Perceiving, acting and knowing: toward an ecological psychology**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1977. p. 211–265.

VIEIRA, L. F.; TEIXEIRA, C. L.; VIEIRA, J. L. L.; FILHO, A. O. Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo paranaense. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 13, n. 3, p. 183–188, 2011.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2017.

WOODMAN, T. HARDY, L. **Stress and anxiety.** In: Handbook of sport psychology. 2 ed. New York, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE) - (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar como voluntário da pesquisa intitulada **“AVALIAÇÃO DA ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA EM ATLETAS UNIVERSITÁRIOS: UMA REFLEXÃO À LUZ DA TEORIA BIOECOLÓGICA”**, tendo como pesquisadora responsável Luciana Botelho Ribeiro, RG MG10068729, aluna de Doutorado do Programa de Desenvolvimento Humano e Tecnologias da Unesp de Rio Claro, orientada pelo Prof. Dr. Afonso Antonio Machado.

O principal objetivo deste estudo é investigar a ansiedade pré-competitiva de atletas universitários e a utilização de tecnologias para melhora do desempenho. Em específico, classificar o nível de ansiedade dos atletas na fase pré-competitiva dos Jogos Universitários Mineiros – JUM's. Além disso, identificar o número de atletas que utilizam tecnologias para auxiliar o desempenho esportivo nas modalidades esportivas e por fim comparar as modalidades que mais utilizam as tecnologias e se estas influenciam nos resultados da competição.

Sendo assim, as etapas para sua participação no estudo consistirão em:

- 1) Assinatura do presente documento (TCLE) que será recebido pessoalmente pela pesquisadora responsável.
- 2) No caso de não aceite em participar da pesquisa poderá fazer o comunicado pessoalmente ou por e-mail. Caso não entre em contato conosco, consideraremos que não participará da pesquisa, o que não implicará qualquer tipo de ônus ao(a) senhor(a).
- 3) Ao aceitar o convite para participar do estudo, o(a) senhor(a) receberá da pesquisadora os questionários a serem respondidos de forma individual.

Serão utilizados três questionários durante a pesquisa: o primeiro de caracterização da amostra (idade, sexo, modalidade esportiva, utilização de

tecnologias, etc). O segundo questionário relacionado à ansiedade no esporte composto de quinze questões e o terceiro com vinte e sete questões relacionadas à ansiedade pré-competitiva.

Os benefícios dessa pesquisa consistem na compreensão a respeito da ansiedade no ambiente esportivo universitário brasileiro e a utilização de tecnologias para melhorar o desempenho; Além disso, o conhecimento sobre o fenômeno permitirá meios de intervenção e estratégias para lidar com os efeitos negativos que poderão surgir no meio esportivo.

Os eventuais **riscos** relacionados à sua participação na pesquisa limitam-se aos sentimentos de insegurança, desconforto e/ou constrangimento durante o preenchimento do questionário. Para minimizar tais riscos, o(a) senhor(a) poderá deixar de responder as questões que julgar inconvenientes. Além disso, o(a) senhor(a) poderá desistir da pesquisa em qualquer momento. Caso seja necessário, os pesquisadores responsáveis disponibilizarão apoio psicológico por meio do acompanhamento de um profissional qualificado, sem qualquer custo por esse serviço. As dúvidas que surgirem antes, durante ou depois do preenchimento do questionário poderão ser dirigidas ao pesquisador, assim como qualquer esclarecimento que o(a) senhor(a) julgar necessário pessoalmente, por e-mail ou por telefone.

É importante ressaltar que o(a) senhor(a) poderá recusar sua participação ou retirar seu consentimento a qualquer momento. Caso o(a) senhor(a) já tenha respondido o questionário, excluiremos o questionário respondido pelo senhor(a). Informamos que o(a) senhor(a) não terá despesas com a participação da pesquisa e também não será remunerado(a) em relação a sua participação na pesquisa.

Esclarecemos que assumimos o compromisso de manter o sigilo e o caráter confidencial das informações da sua participação na pesquisa, zelando pela sua privacidade e garantindo que sua identificação não será exposta de forma alguma. Os resultados da pesquisa serão divulgados somente para fins científicos, em forma de artigo científico e para apresentação da tese.

Se o(a) senhor(a) se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar

este Termo em duas vias, sendo que uma via original ficará com o(a) senhor(a) e a outra com o pesquisador(a) responsável.

Nome do participante: _____.

RG: _____.

E-mail: _____.

Local/data: _____.

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do voluntário

Título do Estudo: ATLETAS UNIVERSITÁRIOS E ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA: SOB A ÓTICA DA TEORIA BIOECOLÓGICA

Pesquisador Responsável: Luciana Botelho Ribeiro

Cargo/função: Doutorado em “Desenvolvimento Humano e Tecnologias”

Instituição: Universidade Estadual Paulista - UNESP - Rio Claro/SP

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista

Dados para Contato: fone (35)99184-2223

e-mail: lulu_bribeiro@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

Instituição: Universidade Estadual Paulista - UNESP - Rio Claro/SP

Endereço: Av. 24A, 1515, Bela Vista

Contato do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa): (19) 3526-9678 / (19) 3526-9605 / (19) 3526-4105

Email do CEP: cepib@rc.unesp.br

APÊNDICE II - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Análise e correlação da ansiedade pré-competitiva e a utilização das tecnologias em atletas universitários

Pesquisador: Luciana Botelho Ribeiro

Área Temática:

Versão: 5

CAAE: 62831416.0.0000.5465

Instituição Proponente: Instituto de Biodiências de Rio Claro/ Universidade Estadual Paulista -

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.119.009

Apresentação do Projeto:

Trata-se de novo atendimento de pendência de um projeto de doutorado de Luciana Botelho Ribeiro, orientada pelo professor Dr. Afonso Antonio Machado, intitulado "Análise e correlação da ansiedade pré-competitiva e a utilização das tecnologias em atletas universitários".

Objetivo da Pesquisa:

Segundo consta nas IBP:

*Objetivo Primário:

O objetivo do estudo será investigar a ansiedade pré-competitiva e a utilização das tecnologias para o desempenho esportivo de atletas universitários.

Objetivo Secundário:

- Classificar o nível de ansiedade de atletas universitários na fase pré-competitiva dos Jogos Universitários mineiros –JUM's;
- Identificar o número de indivíduos que utilizam tecnologias para auxiliar o desempenho esportivo em cada modalidade;
- Comparar as modalidades que mais utilizam as tecnologias e se estas influenciam nos resultados das competições."

Endereço: Av.24-A,n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3534-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepb@rc.unesp.br

**UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL**



Continuação do Formulário 3.119.009

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo consta nas IBP:

Riscos:

Os eventuais riscos relacionados à sua participação na pesquisa limitam-se aos sentimentos de insegurança, desconforto e/ou constrangimento durante o preenchimento do questionário. Para minimizar tais riscos, o(a) senhor(a) poderá deixar de responder as questões que julgar inconvenientes. Além disso, o(a) senhor(a) poderá desistir da pesquisa em qualquer momento. Caso seja necessário, os pesquisadores responsáveis disponibilizarão apoio psicológico por meio do acompanhamento de um profissional qualificado, sem qualquer custo por esse serviço. As dúvidas que surgirem antes, durante ou depois do preenchimento do questionário poderão ser dirigidas ao pesquisador, assim como qualquer esclarecimento que o(a) senhor(a) julgar necessário pessoalmente, por e-mail ou por telefone.

Benefícios:

Os benefícios dessa pesquisa consistem na compreensão a respeito da ansiedade no ambiente esportivo universitário brasileiro e a utilização de tecnologias para melhorar o desempenho; Além disso, o conhecimento sobre o fenômeno permitirá meios de intervenção e estratégias para lidar com os efeitos negativos que poderão surgir no meio esportivo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Segundo consta nas IBP:

Será realizada uma pesquisa descritiva com uma abordagem quali-quantitativa com a participação de 100 atletas universitários de ambos os sexos com idades entre 18 a 35 anos residentes e estudantes de Universidades no Brasil. Estes indivíduos deverão ser cadastrados na associação de atletas da Universidade Federal de Lavras -UFLA e praticar a modalidade com frequência. As informações sobre o estudo e o recrutamento de voluntários será feita por meio de contato com os técnicos de cada modalidade esportiva coletiva (vôleibol, handebol e futsal) que competirão no JUM's. Os técnicos receberão orientações e explicações relacionadas a pesquisa e como está será desenvolvida. Após serem previamente esclarecidas sobre as intenções e procedimentos da pesquisa, os participantes receberão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –TCLE (Anexo 1) autorizando sua participação no estudo seguindo-se todos os procedimentos éticos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos –IB. Os participantes da pesquisa terão garantia de suas identidades preservadas e direito de desistirem de participar da pesquisa a qualquer momento. Como critério de inclusão, os indivíduos deverão ser atletas universitários, convocados para o JUM's e serem maiores de 18 anos. Como critério de exclusão, os indivíduos

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3536-9878

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



Continuação do Formulário 2.119/009

que não irão participar do campeonato. Os indivíduos responderão o questionário de caracterização da amostra, com questões relacionadas a idade, sexo, modalidades esportivas praticam atualmente, qual(is) tecnologia(s) utiliza na prática e por fim responderão o Sport Competition Anxiety (SCAT) e o Competitive State Anxiety Inventory – 2 (CSAI-2). Lavoura e Machado (2006) afirmam que associado ao CSAI-2 ainda há outro questionário de avaliação quanto aos níveis de importância e de dificuldade da competição, ambos expressos em uma escala que varia de 1 a 9, em que o primeiro corresponde à menor importância ou dificuldade, e o segundo, à maior. O inventário SCAT avalia a predisposição característica do sujeito para a ansiedade-traço competitiva. Esta escala é composta por quinze itens, sendo eles: 8 itens de ativação, 2 de desativação e 5 placebo, medindo a ansiedade-traço quanto às emoções percebidas em ambientes esportivos. A pontuação é dada de 1 a 3 para os itens de ativação, e de 3 a 1 para os de desativação, sendo que o escore total pode variar de 10 (baixa ansiedade) a 30 (alta ansiedade). O SCAT é considerado o melhor preditor da ansiedade-estado em situações competitivas e o CSAI-2 para avaliar a (ansiedade-estado cognitiva, a ansiedade-estado somática e a autoconfiança). Martens et al. (1990) sugerem a utilização do SCAT antes de fazer uso do CSAI-2, já que o SCAT identifica uma predisposição característica para a ansiedade-traço competitiva. Serão utilizados os questionários de ansiedade pré-competição Sport Competition Anxiety (SCAT) e o Competitive State Anxiety Inventory – 2 (CSAI-2). O CSAI-2 é um inventário multidimensional do estado de ansiedade competitivo e dividido em vinte e sete itens, distribuídos em três subescalas, com nove itens cada: ansiedade somática; ansiedade cognitiva; autoconfiança. Cada item contém quatro alternativas gradualmente pontuadas até quatro pontos (nada=1 alguma coisa=2 moderado=3 muito=4). A pontuação das três subescalas é obtida pela soma das respostas, com pontuação que pode variar de 9 a 36 por escala. Para compreensão dos resultados, deve-se considerar a pontuação da ansiedade cognitiva, somática e de autoconfiança em baixa, de 9 a 18 pontos, média de 19 a 27 pontos, e alta de 28 a 36 pontos (LAVOURA; MACHADO, 2006).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatórios atenderem o anteriormente solicitado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A PESQUISADORA ATENDEU AS SOLICITAÇÕES DO CEP, TENDO JUSTIFICADO QUE O ESTUDO PILOTO FOI REALIZADO EM NOVEMBRO/16, CONFORME CRONOGRAMA ANEXO A PLATAFORMA.

Endereço: Av.24-A,n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3536-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

**UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL**



Continuação do Parecer: 2.119.009

O CEP APROVA O REFERIDO PROTOCOLO, LEMBRANDO QUE OS DADOS DO ESTUDO PILOTO, NÃO PODEM SER CONSIDERADOS NA PESQUISA.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

- 1) De acordo com a Resolução CNS nº 466/12, o pesquisador deverá apresentar relatório final.
- 2) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada.
- 3) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas , colocando as assinaturas na última página.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_769380.pdf	22/05/2017 09:56:52		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	22/05/2017 09:56:28	Luciana Botelho Ribeiro	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	22/05/2017 09:56:10	Luciana Botelho Ribeiro	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	08/12/2016 11:26:22	Luciana Botelho Ribeiro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	09/11/2016 10:46:51	Luciana Botelho Ribeiro	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. 24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.505-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3534-9878

Fax: (19)3534-0000

E-mail: cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



Continuação do Parecer: 2.119.009

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIO CLARO, 14 de Junho de 2017

Assinado por:
Débora Cristina Fonseca
(Coordenador)

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista CEP: 13.506-900
UF: SP Município: RIO CLARO
Telefone: (19)3535-9678 Fax: (19)3534-0009 E-mail: cepib@rc.unesp.br

APÊNDICE III- CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Nome:

Idade:

Sexo:

E-mail:

Modalidade esportiva:

Tempo que pratica a modalidade:

Universidade/ Instituição que você compete (atualmente):

Frequência semanal de prática de treinamento:

Competição que irá participar:

Fez alguma preparação psicológica para este campeonato? Se a resposta for sim, descreva qual preparação.

Você está ansioso para esta competição?

Você se sente mais ansioso nos treinamentos ou nas competições?

Você já utilizou algum artifício tecnológico para avaliar ou auxiliar seu rendimento? Se sua resposta for sim, descreva-o.

APÊNDICE IV - CSAI-2R

Nome: _____ Idade: _____ anos. Data: ____/____/____
 Academia/Clube: _____ Tempo na equipe: _____
 Modalidade: _____ Posição de jogo: _____
 Sexo: () Masculino () Feminino Provas que compete: _____

Abaixo estão algumas afirmativas que representam o que as pessoas sentem quando competem. Leia cada uma delas com atenção e responda como você se sente AGORA (neste momento). Não há respostas certas ou erradas. Assinale o número que melhor indicar o que sente AGORA.

CSAI-2R	NADA			MUITO
1. Sinto-me agitado.	1	2	3	4
2. Estou preocupado porque posso não render tão bem como poderia nesta competição.	1	2	3	4
3. Sinto-me autoconfiante.	1	2	3	4
4. Sinto o meu corpo tenso.	1	2	3	4
5. Estou preocupado pelo fato de poder perder.	1	2	3	4
6. Sinto tensão no meu estômago.	1	2	3	4
7. Estou confiante de que posso corresponder ao desafio que me é colocado.	1	2	3	4
8. Estou preocupado pelo fato de poder falhar sob pressão da competição.	1	2	3	4
9. O meu coração está a bater muito depressa.	1	2	3	4
10. Estou confiante de que vou ter um bom rendimento.	1	2	3	4
11. Estou preocupado pelo fato de poder ter um mau rendimento.	1	2	3	4
12. Sinto o meu estômago "as voltas".	1	2	3	4
13. Estou confiante porque me imagino, mentalmente, a atingir o meu objetivo.	1	2	3	4
14. Estou preocupado pelo fato de os outros poderem ficar desapontados com o meu rendimento.	1	2	3	4
15. As minhas mãos estão frias e úmidas.	1	2	3	4
16. Estou confiante em conseguir ultrapassar os obstáculos sob a pressão da competição.	1	2	3	4
17. Sinto o meu corpo rígido.	1	2	3	4